

## **CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 18 a 23 de agosto de 2014**

**(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)**

### **DESTAQUE DA SEMANA**

O destaque desta semana vai para a mineração de ferro. Carro-chefe da mineração brasileira, o segmento de minério de ferro passa por uma conjuntura de preços adversa. Depois de atingir a marca recorde de cento e sessenta dólares por tonelada, há pouco tempo, o minério vem sendo negociado, nos últimos meses, por pouco mais que a metade desse valor.

Vale lembrar, contudo, que, no período de bonança, surgiram vários projetos de novas minas, de expansão de minas ativas e de retomada de algumas minas abandonadas. Todavia, em função das notórias dificuldades para a implantação de grandes empreendimentos que o Brasil possui ou costuma criar, senão todos, certamente a maioria desses projetos perdeu a oportunidade de se beneficiar do mais longo e exuberante ciclo de alta de preços do minério de ferro de que se tem notícia até esta data.

Não há um só projeto iniciado durante o chamado “super-ciclo” que não se enganchou no cipoal burocrático dos licenciamentos ambientais ou, simplesmente, ou que não tenha atolado no lamaçal das obras de expansão de ferrovias e portos, que, por causa problemas legais, burocráticos e até mesmo de corrupção, vem sofrendo sucessivos adiamentos. Projetos importantes somaram aos prejuízos no atraso dos cronogramas de implantação, prejuízos causados pela revisão do planejamento de sua implantação e de seus estudos de avaliação econômica, por terem parte de suas reservas comprometidas pela presença de uma “cavidade natural”, cujo importância, no mais das vezes, é do interesse restrito de uma comunidade formada por morcegos, répteis e insetos de ocorrência endêmica na América do Sul.

Quem decidiu investir em pesquisa mineral ou ficou no limbo, aguardando autorização para pesquisar, ou simplesmente migrou seus investimentos para outros países.

Estima-se que a perda de investimentos causada pelas incertezas e dúvidas geradas pela proposta do chamado Novo Marco Legal do Setor Mineral superem, no últimos três anos, a casa dos dez bilhões de dólares, criando uma situação muito bem resumida pelo fecho do editorial de uma edição recente da Carta Mineral do IBRAM – instituto Brasileiro de Mineração Realmente, o qual afirma que “ o Brasil nunca perde a oportunidade de perder uma oportunidade”.

**Luciano de Freitas Borges – Ad Hoc Consultores Associados Ltda.**

**1-18/08/2014**

## **ICMBio autoriza expansão da Vale em Carajás**

Por **Francisco Góes | Do Rio**

Mina N4 da Vale em Carajás, no Pará: empresa aguarda licença prévia do Ibama para expandir atividades na região e aumentar reservas de ferro disponíveis

A Vale deu um passo importante no projeto de expandir a produção de minério de ferro na Serra Norte de Carajás, no Pará, onde hoje estão concentradas as operações da empresa na região. O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) autorizou, na sexta, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) a conceder à Vale o licenciamento ambiental para ampliar as operações nas minas N4 e N5, em Carajás.

A licença, quando for emitida pelo Ibama - o que pode ocorrer a curto prazo -, será resultado do chamado Estudo Global das Ampliações (EIA Global) apresentado pela Vale ao órgão ambiental federal. A licença para ampliar as minas N4 e N5 deve liberar 1 bilhão de toneladas de minério de ferro em reservas para a Vale, na Serra Norte. "As análises do Ibama já foram finalizadas e a tomada de decisão final depende da manifestação do ICMBio", disse o Ibama, em nota. A autorização foi aprovada pelo presidente do ICMBio, Roberto Vizentin, na sexta, mas à noite o Ibama ainda não havia recebido o documento. "A partir do recebimento da autorização, o Ibama irá avaliar seu conteúdo para definir o escopo da licença ambiental", disse o Ibama na nota.

A licença permitirá à Vale ampliar a exploração em áreas vizinhas às minas hoje em atividade nos "corpos" N4 e N5. As novas jazidas incluídas no EIA Global, algumas delas ainda intocadas, são as minas N4WS e N5S, esta em operação com restrições desde 2012, além de Morro I e Morro II. A Vale aguarda com expectativa a concessão da licença, assim como o mercado. A Vale ficou muito tempo sem obter licenças ambientais até o ano passado, quando o Ibama concedeu a licença de instalação para o projeto S11D, o maior da história da companhia, na Serra Sul de Carajás. A Vale não quis comentar a autorização do ICMBio.

Marcelo Marcelino, diretor de pesquisa, avaliação e monitoramento da biodiversidade do ICMBio, disse que a autorização do instituto ao Ibama é uma condição prevista na lei 9.985, de 2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. As reservas da Vale em Carajás situam-se dentro da Floresta Nacional de Carajás (Flona), gerida pelo ICMBio. Marcelino disse que a autorização do ICMBio inclui condicionantes que serão verificadas e incorporadas na licença prévia a ser emitida pelo Ibama.

Uma das condicionantes é o avanço de estudos da área de canga, um dos dois ecossistemas da Flona. O outro é a floresta. A canga é uma savana adaptada ao solo rico em ferro e possui fauna e flora típicos. "Nossa maior preocupação é que testemunhos [amostras] de canga na Flona sejam preservados. E que esses testemunhos garantam a conservação de elementos da biodiversidade, como animais e plantas." A meta do ICMBio é concluir até o fim do ano estudo que vem sendo feito com a Vale para definir áreas "mínimas" de canga na Flona. Marcelino disse que foi possível autorizar as expansões nas minas N4 e N5, "sem risco", porque há outras áreas com biodiversidade similar na canga da Flona. O desafio é buscar a compatibilidade entre mineração e

biodiversidade na Floresta Nacional de Carajás, que ocupa área total de 392.725 hectares. Desse total, 11.380 hectares correspondem à canga, segundo o ICMBio.

Nas contas do instituto, as expansões nas minas N4 e N5 mais a exploração do projeto S11D vão aumentar de 21% para 34,6% a supressão da área de canga na Flona. "Mesmo assim não há risco ainda de perda da biodiversidade", disse Marcelino. Outra discussão em Carajás é a mineração perto de cavernas, classificadas por lei em categorias. Há cavernas consideradas de baixa, média, alta e máxima relevância. As de máxima relevância não podem ser suprimidas.

Técnico do setor disse que as minas N4WS e N5S são "corpos robustos" em termos de reservas, mas com impactos em cavernas. O técnico disse ter dúvida se o Ibama poderia optar por conceder licença "restritiva" à Vale nessas minas. Mas a Vale tem como compensar cavernas suprimidas na Flona por outras preservadas em áreas que está comprando na floresta da Bocaína, perto de Carajás. A Vale avaliou, recentemente, que se a licença de ampliação para as minas N4 e N5 for ampla, como espera, a situação das licenças ambientais em Carajás estaria resolvida por um horizonte longo de tempo.

No começo deste ano, o diretor-executivo de ferrosos e estratégia da Vale, José Carlos Martins, disse, em teleconferência, que as minas N4 e N5 exploradas hoje em Carajás têm juntas volume de reservas de 2,78 bilhões de toneladas. Com o EIA Global, a Vale estaria liberada para explorar 1,6 bilhão de toneladas ou quase 60% das reservas de ferro na região. O volume de reservas hoje liberado para exploração nos "corpos" N4 e N5 é de cerca de 600 milhões de toneladas, disse Martins na ocasião. A licença do Ibama pode liberar, portanto, 1 bilhão de toneladas em reservas para a Vale na Serra Norte de Carajás.

**2-18/08/2014**

## **Antaq aprova projetos de ampliação de R\$ 3,7 bi da CSN e da Santos Brasil**

Por **Daniel Rittner** | De Brasília

A Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq) deu sinal verde a dois projetos de expansão da infraestrutura portuária da Santos Brasil e da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) que preveem investimentos totais de R\$ 3,7 bilhões nos próximos anos. Em troca, as duas empresas devem ganhar uma extensão de seus contratos de arrendamento nos portos de Santos (SP) e de Itaguaí (RJ), respectivamente, até 2047. Os contratos originais para a exploração de seus terminais vencem em 2022. Para saírem definitivamente do papel, os projetos ainda precisam receber aval da Secretaria de Portos (SEP), que já tem sinalizado a intenção de aprovar esse tipo de arranjo.

A renovação antecipada dos contratos de arrendamento foi viabilizada pela Lei dos Portos em vigência desde o ano passado. Antes, os operadores só podiam encaminhar de última hora seus pedidos ao governo para se manter à frente dos terminais em portos públicos, sem garantia de sucesso. O novo mecanismo permite um reequilíbrio econômico dos contratos.

A ampliação da infraestrutura existente é compensada pela garantia de que as empresas ganharão mais tempo para explorar suas instalações. "Com horizonte contratual

estendido, elas têm segurança suficiente para recuperar seus investimentos", diz o diretor-geral da Antaq, Mário Povia.

***Prazo original é 2022 e empresas se dispõem a investir em troca de mais tempo explorando esses terminais***

Um dos projetos aprovados pela agência na sexta-feira à tarde é o do Tecar, terminal de granéis sólidos da CSN em Itaguaí, por onde se escoam o minério de ferro com destino a outros continentes. De acordo com Adalberto Tokarski, diretor da Antaq que relatou o pedido da companhia, o compromisso é de investimentos de R\$ 2,5 bilhões em troca de uma prorrogação do contrato por 25 anos. Ele afirma que as obras de ampliação do terminal vão gerar 1,7 mil empregos diretos e duplicar a capacidade das instalações para 60 milhões de toneladas anuais. Tokarski defende a renovação antecipada do arrendamento. "Grandes empreendimentos precisam de segurança institucional. Nenhuma empresa desembolsa esses valores olhando um período curto."

Conforme informações do último balanço da CSN, a expansão do terminal começou a ser executada em 2009 e já recebeu aportes de R\$ 410 milhões, com conclusão prevista para 2016. O Valor apurou que hoje a capacidade já chega a 44 milhões de toneladas por ano. Segundo fontes, a empresa pode até mesmo ultrapassar o aumento de capacidade prometido à Antaq, uma vez que deve ganhar mais 25 anos à frente do Tecar.

A Santos Brasil, responsável por 43% da movimentação de contêineres em Santos, também ganhou aval da agência reguladora para explorar o terminal no maior porto do país até 2047.

O projeto de ampliação do Tecon Santos prevê investimentos de R\$ 1,2 bilhão até 2018. Duas grandes intervenções estão programadas: prolongamento do cais de atracação dos atuais 980 para 1.200 metros e aumento da profundidade dos berços de 13 para 15 metros. Com isso, a empresa terá condições de elevar sua capacidade de 2,4 milhões de TEUs (unidade de referência no setor) por ano, mantendo a qualidade atual do serviço prestado.

***Modernização do terminal de grãos sólidos da ADM em Santos também recebeu aprovação***

"Só no prazo original do contrato não teríamos como amortizar os investimentos", diz o diretor comercial da Santos Brasil, Mauro Salgado, referindo-se à data de 2022. Além do montante de R\$ 1,2 bilhão que será desembolsado inicialmente, serão investidos mais R\$ 1,9 bilhão até 2044 - quando será preciso discutir o contrato -, na substituição de equipamentos que têm vida útil limitada. Salgado ressalta que essa modernização do Tecon é essencial para permitir a atracação sem restrições de "supernavios" (de 366 metros), que sequer existiam quando o terminal foi repassado à iniciativa privada, em 1997. A ampliação do Canal do Panamá aumentará a presença desses navios na costa brasileira.

Além da CSN e da Santos Brasil, a Antaq também aprovou o projeto da ADM, que pede mais 20 anos para explorar o terminal de grãos na região da Ponta da Praia. Ele fica em uma área nobre de Santos e a empresa se propõe a investir cerca de R\$ 200 milhões não

só na ampliação de capacidade do terminal, mas na redução das emissões de material particulado. A agência concordou em estender o de arrendamento de 2017 para 2037.

Até agora, apenas dois projetos de pequena dimensão haviam sido recebido sinal verde da Antaq, ainda no primeiro semestre. Eles são de terminais de granéis líquidos em Santos e aguardam liberação pela SEP. O **Valor** apurou que o ministro César Borges deve assinar a renovação antecipada desses dois primeiros contratos - da AGEO e da Copape - nas próximas semanas. A demora tem ocorrido porque o governo tenta agir preventivamente e evitar questionamentos futuros do Tribunal de Contas da União (TCU), esclarecendo desde já dúvidas do órgão de controle.

**3-18/08/2014**

### **BHP Billiton vai fazer cisão de ativos indesejados**

Reuters

MELBOURNE/LONDRES, 15 Ago (Reuters) - A companhia diversificada de mineração BHP Billiton declarou sua preferência pela realização de uma cisão de seus ativos de alumínio, manganês e níquel nesta sexta-feira, montando o palco para a formação de um negócio separado que segundo um relatório pode valer até 14 bilhões de dólares.

A BHP disse que seu Conselho está ponderando uma cisão nas reuniões antes do anúncio de seus resultados anuais na semana que vem. De acordo com um jornal australiano, estes planos estão bem avançados e incluem o negócio Nickel West, que a maior mineradora do mundo tem tentado vender.

"A cisão de um conjunto de ativos é nossa opção preferida", disse a companhia, que tem um valor de mercado de 185 bilhões de dólares, em um comunicado à bolsa australiana.

A companhia há muito busca vender ou fazer a cisão de seus ativos de manganês, alumínio e níquel, que contribuem pouco para seus resultados. A simplificação da companhia "geraria um crescimento mais forte no fluxo de caixa e um retorno superior sobre investimento", disse a BHP nesta sexta-feira.

"Cisões têm o potencial de cristalizar valores que o mercado pode não ter sido capaz de ver", disse Neil Boyd-Clark, um administrador de portfólio da Arnhem Investment Management, que detém ações na BHP.

Ele não quis colocar um valor para a cisão antes de um anúncio sobre o que será incluído na nova companhia.

O jornal Australian Financial Review disse que a companhia separada incluirá os ativos de alumínio, manganês, níquel, a mina de prata Cannington e de carvão para energia na África do Sul e que valerá 14 bilhões de dólares.

Analistas estão divididos sobre o valor preciso destes ativos, com estimativas na faixa de 12 bilhões a 23 bilhões de dólares.

A BHP não quis comentar sobre o relatório do jornal.

(Por Sonali Paul e Silvia Antonioli)

**4-18/08/2014**

Mineradora instalada na MT 343 entre Cáceres e Porto Estrela é fechada pela Justiça

*Por Marcelo Villela, agosto 18th, 2014, 0:01 - [LINK PERMANENTE](#)*

*« voltar para casa*

A extração de calcário e brita estava sendo feita com a utilização de dinamites em uma colina junto ao pé da formação da estação ecológica.

Mineradora instalada na MT 343 entre Cáceres e Porto Estrela é fechada pela Justiça A extração de calcário e brita estava sendo feita com a utilização de dinamites em uma colina junto ao pé da formação da estação ecológica.

Fonte: 24Horas News

**5-18/08/2014**

**Credit Suisse criou produtos envolvidos no escândalo do Banco Espírito Santo**  
(Google Plus)

Por **Patricia Kowsmann, Margot Patrick e David Enrich** | **The Wall Street Journal**

O Credit Suisse Group AG ajudou a vender bilhões de dólares em ativos securitizados que acabaram desempenhando um papel importante na ruína do segundo maior banco de Portugal.

O banco suíço foi responsável por criar pacotes de títulos emitidos por veículos internacionais de investimento e depois os vendeu para clientes de varejo do Banco Espírito Santo SA de Portugal.

Muitos clientes não sabiam que esses veículos estavam carregados com títulos de dívida de várias empresas do Espírito Santo e aparentemente operavam como um mecanismo para financiar o império controlado pela família, segundo documentos apresentados aos reguladores e pessoas a par da investigação do banco português. Não está claro se o Credit Suisse teve um papel direto na venda dos papéis aos clientes do banco.

Agora esses produtos de investimento estão no centro do atual escândalo. O Banco Espírito Santo foi resgatado e dividido este mês. Outras partes do grupo Espírito Santo entraram com pedido de recuperação judicial, sob alegações de fraude e problemas de contabilidade. O episódio - que derrubou as bolsas portuguesas - também golpeou a confiança no setor bancário europeu, dizem analistas.

Representantes do Credit Suisse e do Espírito Santo não comentaram.

Os reguladores portugueses que investigam a confusão do Espírito Santo identificaram pelo menos quatro veículos internacionais de investimento cujos títulos, principalmente ações preferenciais, foram vendidos com a ajuda do Credit Suisse para clientes do Espírito Santo, segundo pessoas a par da investigação. Os reguladores portugueses, que receberam queixas de clientes sobre os produtos, que não entendiam o que eles estavam comprando, agora estão fazendo o banco recomprar os papéis, o que causou perdas enormes para a instituição.

Os veículos internacionais utilizaram pelo menos parte dos recursos da venda dos títulos para comprar mais dívida do Espírito Santo, segundo documentos. Os reguladores

suspeitam que as vendas eram parte de um esforço para alavancar o banco e as outras empresas do Espírito Santo, dizem as fontes.

Três desses veículos - o Top Renda, EuroAforro Investments e a Poupança Plus Investments - são sediados na Ilha de Jersey, paraíso fiscal próximo da costa norte da França. O Credit Suisse era um "negociante" para esses três veículos, um papel que não incluía apenas a subscrição dos títulos mas também a operação de suas necessidades administrativas e financeiras, segundo registros arquivados na Comissão de Serviços Financeiros de Jersey.

Um quarto veículo, o EG Premium, está nas Ilhas Virgens Britânicas, outro paraíso fiscal.

As pessoas a par da investigação dizem que as quatro entidades eram controladas, pelo menos em parte, pela firma financeira suíça Eurofin Holding SA, que era parcialmente controlada pelo Espírito Santo até 2009 e tinha ligações comerciais com o conglomerado. Os reguladores portugueses suspeitam que a Eurofin desempenhou um papel central no financiamento e posterior colapso do Espírito Santo, de acordo com essas fontes.

A Eurofin informou na semana passada que não vendeu ou promoveu nenhum produto de investimento para clientes do Espírito Santo e que nunca montou produtos para clientes de varejo. A Eurofin também nega ter desempenhado um papel central na ruína do Espírito Santo. Não está claro quem é o proprietário dos quatro veículos de investimento. Representantes do truste listado como custodiante das três empresas de Jersey não comentaram.

Esses veículos investiam principalmente em dívidas emitidas pelas empresas do Espírito Santo, incluindo o banco português, sua filial em Luxemburgo e na Escom, empresa angolana de investimentos em mineração e infraestrutura, segundo documentos apresentados aos reguladores e internos da Eurofin analisados pelo The Wall Street Journal.

O Poupança Plus, por exemplo, divulgou um total de 426 milhões de euros (cerca de US\$ 570 milhões) em ativos no ano passado, dos quais cerca de 1,3 milhão era em dinheiro e dívidas. Os 425 milhões de euros restantes eram investimentos em títulos de longo prazo emitidos pelas empresas do Espírito Santo, segundo o balanço financeiro do Poupança. Os resultados financeiros do Top Renda e EuroAforro possuem proporções semelhantes de dívida do Espírito Santo. O EG Premium também era um grande comprador de títulos do Espírito Santo, segundo documentos do fundo.

Os relatórios anuais desses três veículos da Ilha de Jersey, que estão em operação por mais de dez anos, informam que seu "único propósito" é emitir ações preferenciais, que são um cruzamento entre dívida não garantida e ação.

Esses veículos emitiam regularmente novas séries de ações preferenciais em lotes relativamente pequenos, às vezes de apenas 30 milhões de euros, segundo registros. Cada série de títulos era vendida a pequenos grupos de clientes do Banco Espírito Santo através das agências do banco, segundo uma pessoa a par da investigação. As leis portuguesas autorizam vendas para poucos clientes sem exigir um prospecto do fundo detalhando a composição dos papéis, diz a fonte.

Os reguladores portugueses acreditam que os veículos foram desenhados para atrair clientes do varejo, a começar por seus nomes. "Aforro" também significa "Poupança" em português. Os gerentes das filiais do banco diziam aos clientes que os produtos eram tão seguros quanto depósitos, mas com ganhos melhores, diz a fonte.

A venda de ações preferenciais permitia aos veículos continuar comprando a dívida do Espírito Santo. Em fevereiro, por exemplo, o EuroAforro vendeu 182 milhões de ações preferenciais, segundo registros aos reguladores. Ele usou os recursos, assim como dinheiro de outros ativos não especificados, para comprar 476 milhões de euros de dívida do Banco Espírito Santo e cerca de 82 milhões de euros em ações preferenciais do EG Premium, revelam os registros.

O Credit Suisse tem acordos desde meados dos anos 2000 com o EuroAforro e o Top Renda para administrar a emissão de até US\$ 2,5 bilhões de ações preferenciais para cada um, mostram registros públicos. Os programas ainda estavam ativos em 2013, indicam os documentos. O Credit Suisse era responsável ainda pela venda das ações preferenciais do Poupança Plus, segundo registros.

Além disso, o Credit Suisse era responsável pelo pagamento das despesas operacionais dos três veículos, incluindo advogados, auditores e custos administrativos, de acordo com os registros.

Os reguladores dos mercados portugueses começaram a investigar os produtos desses veículos estrangeiros no fim do ano passado, depois de receber queixas de clientes do Banco Espírito Santo confusos sobre o conteúdo de seus investimentos, segundo uma pessoa a par das investigações.

Neste ano, os reguladores verificaram que cerca de 2 bilhões de euros em produtos desses veículos estavam nas mãos de clientes do Banco Espírito Santo, diz a fonte. Muitos desses produtos haviam sido vendidos para os clientes no início deste ano, meses depois de o banco central de Portugal ter ordenado ao Banco Espírito Santo que reduzisse suas ligações com outras empresas do grupo.

O presidente do Banco de Portugal, Carlos Costa, disse no fim de julho que o Banco Espírito Santo teria que recomprar parte desses produtos dos clientes, causando um prejuízo de 1,25 bilhão de euros para o banco. Essas perdas ajudaram a arruinar a instituição, que foi resgatada no início deste mês.

Costa disse que a Eurofin estava envolvida na emissão de títulos para os clientes que provocaram a perda de 1,25 bilhão de euros. Ele acrescentou que o banco central investiga por que o Banco Espírito Santo aparentemente não acatou as ordens para reduzir sua exposição a outras empresas do grupo.

**6-18/08/2014**

**Porto Sudeste iniciará operação ainda este ano, diz diretor**

Reuters



SÃO PAULO (Reuters) - A trading Trafigura e o fundo soberano de Abu Dhabi, Mubadala, disseram nesta quinta-feira que seu porto brasileiro para exportar minério de ferro começará a operar este ano, respondendo a uma siderúrgica com um contrato para usar o porto que disse que a abertura seria adiada para 2015.

O Porto Sudeste "está no caminho para entrar em operação no início do último trimestre de 2014", disse em nota à Reuters o diretor de operações do porto, Eugenio Mamede.

A Trafigura [TRAFGF.UL] detém uma fatia do controle do porto com o fundo de investimento do governo de Abu Dhabi, Mubadala [MUDEV.UL].

O terminal de exportação localizado no litoral do Rio de Janeiro será capaz de movimentar 50 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, e pode expandir para 100 milhões de toneladas.

O presidente da Usiminas, Julian Eguren, disse a jornalistas na terça-feira que o porto poderá não começar operações antes do ano que vem.

O mercado está observando o prazo de perto, pois será uma saída importante para os produtores de minério de ferro de médio porte no Brasil para exportar seu minério. Grandes projetos no Brasil têm sido frequentemente adiados nos últimos anos.

(Reportagem Stephen Eisenhammer)

**7-18/08/2014**

### **Disputa entre minério e soja não preocupa estado**

A briga do minério contra a soja promete esquentar, mas não é algo que preocupe no estado mais minerador do Brasil, pelo menos até que a Vale ponha em marcha o seu megaprojeto de exploração em Carajás, batizado de S11D, com capacidade para ofertar 90 milhões de toneladas por ano. É o que avalia Paulo Sérgio Machado Ribeiro, subsecretário de Desenvolvimento Mínero-Metalúrgico e Política Energética do governo estadual. "Minas Gerais tem uma economia mineral muito mais diversificada", destaca.

Para José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), os dados ainda preliminares do comércio exterior brasileiro neste ano até julho indicam um horizonte em que o recuo da receita de vendas de ferro em 2014 poderá chegar a 15%, apesar de o volume dos embarques ter fôlego para aumentar em torno dos 9%. Se os empresários e especialistas da indústria da mineração estiverem certos, vencerá a perspectiva de fim da queda dos preços, com a volta de uma estabilidade gravitando em pouco mais de US\$ 100 por tonelada.

Não fosse outra a expectativa, a mineradora Vale não teria na mesa de seus principais executivos relatórios com metas para dobrar até 2018 as exportações para a China, hoje de 150 milhões de toneladas de ferro. Os clientes da maior consumidora de matérias-primas e metais do planeta respondem por metade das vendas externas da companhia brasileira. Para cumprir as metas, informou recentemente o diretor-executivo de ferrosos e estratégia da Vale, José Carlos Martins, a companhia terá que deslocar concorrentes

na China e nisso conta com projetos de expansão da produção no Pará e em Minas Gerais, além da qualidade da matéria-prima extraída em subsolo brasileiro. (MV)

Fonte: Estado de Minas

**8-18/08/2014**

### **YAMANA APRESENTA RELATÓRIO TÉCNICO DE MINA NO CANADÁ**

A Yamana informou no dia 14 que apresentou o relatório técnico da mina de ouro Malartic, no Canadá. O ativo é uma joint venture entre a mineradora de ouro e a Agnico Eagle Mines Limited, de forma que cada uma possui 50% de participação. A mina Malartic passou a ser controlada pelas duas empresas após a aquisição conjunta da Osisko Mining Corporation. A transação foi concluída em junho. No Brasil, a Yamana controla as minas Chapada e Fazenda Brasileiro, em Goiás, e Jacobina e C1 Santa Luz, na Bahia.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**9-18/08/2014**

### **VALE INICIA NOVA ETAPA DA OITAVA USINA DE PELOTIZAÇÃO DO COMPLEXO DE TUBARÃO**

Vale deu início a uma nova etapa na operação de sua oitava usina de pelotização no Complexo de Tubarão, em Vitória (ES). Após alguns meses operando em fase de testes, a Usina 8 entrou em *ramp up*, fase de evolução gradativa da produção. Com capacidade para produzir 7 milhões de toneladas de pelotas por ano, a usina vai aumentar em 24% a capacidade de produção do complexo, que vai passar para 36,2 milhões de toneladas de pelotas por ano. Este mês a usina recebeu a licença de operação, emitida pelo Instituto Estadual do Meio Ambiente.

Investimento de mais de US\$ 1,3 bilhão, a Usina 8 é a maior do Complexo de Tubarão e um dos maiores investimentos privados do Espírito Santo. Sua instalação gerou negócios de US\$ 566,6 milhões com empresas do Estado, que responderam por 60% de todos os contratos assinados durante a obra.

O projeto da usina empregou diretamente mais de 12.200 pessoas durante sua implantação. Nove entre cada 10 dos postos de trabalho gerados pelo projeto foram ocupados por moradores do Espírito Santo. Cerca de 300 empregados próprios atuam na operação da usina, que também gera outras 30 vagas permanentes para empregados de empresas terceirizadas. Por se tratar de mão de obra técnica, que requer qualificação, as contratações próprias foram realizadas há mais de um ano. Além de contratar profissionais experientes do Estado, a Vale também investiu na capacitação dos mais

jovens, através de parceria com o Senai que incluiu formação teórica e técnica, além de treinamento nas demais usinas já em funcionamento.

Com sistemas automatizados que garantem eficiência na produção, segurança aos operadores e cuidado com o meio ambiente, a Usina 8 entra em operação como uma das mais modernas plantas de pelletização do mundo.

A Vale agregou ao projeto uma tecnologia considerada inédita na indústria da mineração para atuar no controle de qualidade das pelotas produzidas pela nova planta. Trata-se da célula flexível de amostragem, que compreende um braço robótico e um sistema de automação que substituem a tradicional torre de amostragem e testes, estrutura que faz parte das demais usinas do Complexo de Tubarão. Essa é a primeira vez que a robótica é aplicada ao processo de pelletização.

A tecnologia consiste basicamente em manusear as amostras de pelotas e encaminhá-las, de forma automatizada, para a etapa de testes. Aquelas que atenderem aos padrões de qualidade inerentes ao processo de pelletização retornam à linha de produção. As que apresentarem quaisquer anomalias, por sua vez, são descartadas. Além de demandar uma estrutura mais enxuta que a exigida pelo sistema de amostragem anterior, a tecnologia garante mais segurança à operação e apresenta, ainda, grande flexibilidade na realização dos testes de qualidade.

A automação foi aplicada também no reaproveitamento do minério utilizado no processo de pelletização da Usina 8, ação que é executada nas chamadas bacias de decantação. Na nova planta, essa estrutura conta com um pórtico, semelhante a uma ponte rolante, que se movimenta por toda a sua extensão, retirando o minério acumulado em sua base. Com isso, em vez de ser feita manualmente, a retirada do insumo ocorrerá de forma contínua, o que evita o acúmulo de material no fundo da bacia e elimina a necessidade de interromper a produção da usina especificamente para efetuar essa ação.

### **Meio ambiente**

A Usina 8 e seu pátio de estocagem de pelotas foram projetados com os mais avançados controles ambientais, testados e aprovados em diversos países e já implantados nos últimos anos no Complexo de Tubarão. Trata-se de precipitadores eletrostáticos, supressores de pó, barreiras de vento (wind fences), enclausuramento de casas de transferências de correias e sistemas que permitem o reuso de água, que garantem a eficácia da gestão ambiental das operações da Vale em Tubarão.

Além disso, o forno da usina está preparado para operar 100% com gás natural e apresenta uma eficiência energética 15% superior às plantas tradicionais.

Fonte: Vale

**10-18/08/2014**

## **MINERAÇÃO PROMOVE 2ª EDIÇÃO DO PRÊMIO “MELHORES PRÁTICAS EM SST”**

O Programa MINERAÇÃO, do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM) promove neste ano, a segunda edição do Prêmio “Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho”. A iniciativa visa reconhecer o esforço das empresas do setor mineral na implantação de melhorias no ambiente de trabalho industrial, além de divulgar as ações bem sucedidas de promoção da Saúde e Segurança dos Trabalhadores do setor.

Para concorrer ao “Prêmio Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho 2014”, as empresas devem ser associadas ao MINERAÇÃO e desenvolverem boas práticas em atenção ao trabalhador. O Prêmio é dividido em três categorias: Atendimento às Emergências, Sistema de Comunicação de SST nas Operações e Sistemas Eficazes de Capacitação de Trabalho. Os cases inscritos poderão ser inscritos e premiados em apenas uma das categorias.

As inscrições estão abertas e devem ser entregues diretamente no IBRAM-MG ou encaminhados via Correio, em envelope fechado. Os vencedores serão anunciados no site do Programa MINERAÇÃO ([www.programamineracao.org.br](http://www.programamineracao.org.br)). A cerimônia ocorrerá na cidade de Belo Horizonte (MG).

A iniciativa prevê a premiação para as empresas participantes. Os três primeiros colocados receberão troféu Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho. Além disso, o primeiro lugar de cada categoria terá a oportunidade de apresentar o case no Painel de Saúde e Segurança do Trabalho, durante o 16º Congresso Brasileiro de Mineração, que será realizado durante a **EXPOSIBRAM 2015**, em setembro, na cidade de Belo Horizonte (MG). Os agraciados em primeiro e segundo lugar também terão o resumo dos cases publicados no site do Programa MINERAÇÃO.

Para mais informações acesse [www.programamineracao.org.br](http://www.programamineracao.org.br).

**11-18/08/2014**

## **PRODUÇÃO MINERAL TENDE A AUMENTAR**

Ao tomar posse ontem à noite para o segundo mandato (2014-2018) à frente do Sindicato das Indústrias Minerárias do Estado do Pará (Simineral), José Fernando Gomes Júnior, de 49 anos, enfatizou a meta da entidade de tornar o Pará o maior produtor mineral do Brasil nos próximos quatro anos. Somos hoje o segundo maior produtor mineral do País, mas pretendemos chegar a ser o primeiro Estado em produção mineral em 2018, sempre aprendendo com Minas Gerais que possui 300 anos de experiência nessa área, afirmou.

Para atingir essa meta, como disse Fernando Gomes, o Simineral já atua levando informações aos paraenses sobre o setor e sua contribuição à pauta de exportações do Estado. Queremos formar mais paraenses no setor, porque até 2018 serão investidos US\$ 47 bilhões e 99 mil pessoas precisam ser treinadas para atuar na descoberta, abertura e expansão de minas, observou. Em seu pronunciamento, o presidente do Simineral destacou a parceria estratégica do sindicato com as Organizações Romulo Maiorana em projetos diversificados.

Não se apaixonou pelo que não se conhece; então, temos que formar a geração da mineração no Estado, afirmou Fernando Gomes. O presidente do Simineral afirmou, entre outras conquistas do sindicato no primeiro mandato (2011-2014): a criação da Frente Parlamentar de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Mineração no Pará; instituição do Dia Estadual da Mineração; lançamento do Anuário da Mineração, hoje em sua terceira edição; lançamento do concurso de redação em parceria com a Seduc-PA; o Acordo de Cooperação Técnica com a Secretaria de Estado de Meio Ambiente; Plano Estadual de Atração de Novos Negócios, com a Seicom; Prêmio Hamilton Pinheiro de Jornalismo, com o Sindicato dos Jornalistas e a criação da Comissão de Direito Minerário da OAB-PA. O Simineral conta com 16 associados.

Na cerimônia, Fernando Gomes assinou o Termo de Posse, recebeu um pin e diploma referentes ao novo mandato das mãos do presidente da Federação das Indústrias do Estado do Pará (Fiepa), José Conrado Santos, e deu posse aos integrantes da Diretoria do Simineral. São eles: Ana Celeste Franco (Alcoa) vice-presidente; Bruno Tassis (Imerys RCC e PPSA) diretor financeiro; César Vasconcelos (Hydro) diretor secretário; Eugênio Victorasso (Vale) 1º diretor suplente; Paulo Ariza (Mineração Rio do Norte) - 2º diretor suplente; Fábio Venicius (Cadam) - 3º diretor suplente; Marco Martins (Mineração Buritirama) - 4º diretor suplente.

## PARCEIROS

O Diretor-Presidente do **Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM – [www.ibram.org.br](http://www.ibram.org.br))**, José Fernando Coura, e a diretora de Relações Institucionais da Vale, Salma Ferrari, enviaram cartas de cumprimento a José Fernando Gomes. Para José Conrado, da Fiepa, a história do Simineral tem dois momentos: antes e depois com José Fernando, pelo que ele já concretizou pelo setor da mineração paraense. Conrado disse que a Fiepa e o Simineral colocarão em funcionamento em 2015 o Instituto Senai de Inovação e Tecnologia Minerais, com investimento de R\$ 100 milhões.

O diretor de Marketing das ORM, Guarany Júnior, destacou a parceria com o Simineral, afirmando que neste segundo semestre de 2014 serão desenvolvidas ações com todas as empresas vinculadas ao sindicato. A expectativa com esse segundo mandato do Fernando Gomes é de que o Pará ganhe muito em todas as instâncias, porque a mineração é um segmento em constante crescimento na região, completou.

O presidente da Associação Comercial do Pará, Fábio Lúcio Costa, essa nova gestão do Fernando vai fortalecer o setor mineral que responde por cerca de 85% da pauta de exportações paraenses.

Fonte: O Liberal

**12-18/08/2014**

### **BELA VISTA TRIPLICA ARRECADAÇÃO MINERAL EM 2014**

A julgar pela população de 10.342 habitantes e pelo clima bucólico, o município de Bela Vista de Minas, localizado a aproximadamente 120 quilômetros de Belo Horizonte, aparenta ser a típica cidade do interior que não se desenvolveu, como se tivesse parado no tempo. Mas basta uma observação mais atenta para se perceber que novas construções despontam por todos os lados. São casas e lojas que começam a criar um novo desenho de cidade, transformada pelos impulsos econômicos da mineração.

Dentro do município, a Mina do Andrade, que está situada na serra de mesmo nome, guarda o grande motor de crescimento da cidade. A área, com 2.421,55 hectares, explorada pela ArcelorMittal, produz 2,5 milhões de toneladas de minério de ferro anualmente e rendeu aos cofres públicos municipais, nos seis primeiros meses de 2014, um montante de R\$ 1,5 milhão com a Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cfem). Um valor 210,6% maior do que a arrecadação no mesmo período de 2013, segundo estatísticas da prefeitura da cidade. A mina, que em 2011 produzia ao ritmo de 1,5 milhão de toneladas anuais, recebeu investimentos de US\$ 76 milhões em 2012 para aumentar a capacidade de produção, hoje de 3,5 milhões.

Já a arrecadação com o Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN), soma R\$1,4 milhão, um valor significativo para uma cidade nova, que chega aos seus 50 anos repleta de planos.

“Com esse aumento de arrecadação, estamos investindo bastante em calçamento de ruas com bloquetes sextavados. É a demanda mais reivindicada pelos moradores há anos. Um tipo de pavimentação que é ecologicamente correto”, afirma Wilber Souza, prefeito do município. “Mas, além disso, vamos construir a tão requisitada creche para a população, reformar o poliesportivo e construir uma nova praça de esportes no bairro mais populoso da cidade”, completa Wilber, que espera concluir os novos equipamentos públicos até 2015.

Entre os anos de 2005 e 2011, o Produto Interno Bruto (PIB) do município cresceu 242,7%. Um número bastante positivo que, para o executivo municipal, é um indicador de que o progresso chegou de vez à cidade. “Nós vivíamos basicamente com os recursos do Fundo de Participação dos Municípios. Hoje, podemos dizer que a Mina do Andrade

é nossa galinha dos ovos de ouro”, afirma o prefeito.

No comércio local, os empresários comemoram o aumento de vendas. Maria Regina de Araújo, administradora de uma das primeiras lojas da cidade, avalia de forma positiva o comportamento do mercado. “Grande parte da nossa clientela é de funcionários da mineração. Muitos já moram na cidade e outros estão se mudando para cá”, diz. E a chegada de novos moradores tem aquecido as vendas de materiais de construção. Glauber Torres, proprietário do principal depósito da cidade, com duas lojas, já tem 25 funcionários trabalhando em seu negócio e acredita que a demanda vai crescer ainda mais. “Nos últimos cinco meses, a demanda cresceu aproximadamente 10%, por causa das várias obras que estão sendo realizadas. Vendemos de tudo, mas os carros-chefes do nosso depósito são as ferragens e o cimento”, acrescenta o empresário.

### **Comércio aquecido com a expansão da demanda**

O mercado de veículos seminovos também começa a se expandir na cidade. De acordo com o vendedor de carros Deiverson Soares, até mesmo a procura por veículos importados é comum na concessionária em que trabalha. “Vendemos uma média de 20 veículos por mês para uma clientela que é de Bela Vista de Minas mas, também, de cidades vizinhas como João Monlevade e Nova Era”, conta. “Hoje temos na frota da loja 13 carros e duas motos para a venda, mas essa quantidade, provavelmente, vai aumentar”, ressalta o vendedor.

Quem viu a Mina do Andrade atrair seus primeiros exploradores, no ano de 1936, quando Bela Vista de Minas ainda nem havia se emancipado do município de Nova Era, também acredita que os tempos são de crescimento. José Nazareno de Araújo, de 80 anos, fundador do que talvez tenha sido o primeiro estabelecimento comercial da cidade, conta que muitas lojas estão sendo abertas porque o local está se tornando propício para novos negócios. “A vida inteira batalhei como comerciante e hoje é que o movimento está melhor. Minha loja já foi ampliada e reformada várias vezes”, diz.

### **Mina do Andrade tem vida útil de 25 anos**

Ao contrário de outras cidades mineradoras, onde a extração está com os dias contados, Bela Vista de Minas tem, na Mina do Andrade, a possibilidade de prolongar por pelo menos mais 25 anos a exploração mineral, de acordo com projeção da própria ArcelorMittal.

Para Sebastião Costa Filho, CEO da companhia no Brasil, a mina é um dos pontos de exploração mais importantes da multinacional no Brasil. “Nossa usina siderúrgica em João Monlevade, que é uma das mais competitivas do país, é alimentada pela Mina do Andrade. Há uma questão logística de suma importância nesse processo devido à proximidade das duas”, comenta. Para o ano de 2014, a previsão de receitas da exploração local é de US\$ 14 milhões.

Para Sebastião Costa, os benefícios trazidos para a cidade são cruciais para que ela se desenvolva, tanto do ponto de vista econômico quanto social.

“No ritmo em que estamos, a projeção é que, nesse ano, sejam gerados R\$ 6,5 milhões em impostos para o município. Além disso, geramos emprego para muita gente da cidade. A mina emprega, atualmente, 500 trabalhadores e parte deles é de Bela Vista de Minas”, comenta o CEO.

Os projetos sociais realizados em parceria com a empresa nas áreas de cultura, educação e meio ambiente já alcançaram mais de 800 crianças e jovens de escolas públicas e privadas da cidade, de acordo com levantamento da prefeitura do município.

As ações são realizadas, sobretudo, em datas comemorativas, como o Dia Mundial do Meio Ambiente, quando é feita a distribuição de mudas nativas e a criação de hortas suspensas, e no Dia Mundial da Água, quando alunos são premiados por trabalhos envolvendo a sustentabilidade. No Prêmio ArcelorMittal de Meio Ambiente, alunos são reconhecidos por trabalhos ambientais, no intuito de ampliar a conscientização sobre a preservação na cidade.

Marilene Rodrigues, responsável pela Divisão de Meio Ambiente, destaca a importância da parceria entre poder público e iniciativa privada. “São pequenas ações que fazem a diferença. Todas as escolas participam dos projetos e as famílias dos alunos também acabam se envolvendo, o que é muito bom”, comenta Marilene.

“Temos planos de fazer novos projetos que, além de tudo, vão envolver a comunidade e criar formas de empreendedorismo para os moradores”, conclui.

Fonte: Hoje em dia

**13-19/08/2014**

### **ThyssenKrupp quer CSA lucrativa em 2015**

Por **Olivia Alonso** | De São Paulo

Sem sucesso na tentativa de vender a Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA), a ThyssenKrupp decidiu estabelecer como prioridade deixar seu balanço positivo.

Futuramente, o processo de venda será retomado, afirma Heinrich Hiesinger, presidente global do grupo alemão. "Redirecionamos totalmente o foco do time em melhorar a CSA e torná-la uma empresa lucrativa", afirmou. "Mas sabemos que em médio a longo prazos não vamos mantê-la", acrescentou.

Na avaliação de Hiesinger, presidente do grupo desde 2011, é arriscado para a ThyssenKrupp operar a CSA sem uma atuação no próximo elo da cadeia. Daria mais



segurança à companhia, por exemplo, uma operação de transformação das placas em produtos de valor agregado (laminados), o que não está nos seus planos. Outro inconveniente de continuar com o ativo é a necessidade de mantê-lo competitivo, o que demanda gastos de € 100 milhões ao ano.

Globalmente, a Thyssen também continuará a colocar ativos para venda, sempre que o retorno não for o desejado, afirma. "No passado, demoramos muito [para vender operações] e sacrificamos negócios por não aceitar a realidade." A laminadora do Alabama (EUA), vendida para o consórcio de ArcelorMittal e Nippon Steel & Sumitomo Metal, é um exemplo da estratégia. Segundo o executivo, a fundição era muito lucrativa, mas a companhia precisava investir em áreas onde poderia ter melhores retornos de seu capital.

Hiesinger não precisou o momento da retomada do processo de venda CSA e enfatizou que, no passado, o processo foi prejudicado por fatores operacionais e questões externas. Câmbio, preço de minério de ferro, custos de energia e trabalhistas, juntamente com um problema no segundo alto-forno, dificultaram a vida dos executivos nas negociações com os interessados. "Tivemos soluções para vender, mas as condições não eram aceitáveis", disse o CEO.

A siderúrgica tem complexo fabril, incluindo termelétrica e porto, no distrito de Santa Cruz, Rio.

Entre os complicadores da operação, ele citou o período de aceleração de produção ("ramp up") "muito agressivo" na CSA, em 2010, com uma equipe técnica "não tão experiente". Agora, a companhia está mais cautelosa. Com capacidade de 5 milhões de toneladas, estima fazer 4 milhões de toneladas este ano. Do total, 2 milhões de toneladas serão vendidas por ano, até 2019, para a laminadora do Alabama graças a um acordo firmado com os novos donos. A empresa também tem como cliente a California Steel Industries (CSI), da Vale e JFE Steel. No mercado local, a Thyssen pretende ganhar espaço na demanda de placas de aço para o setor automotivo.

Nas contas de Heisinger, a CSA será lucrativa no próximo ano fiscal, que terá início em outubro. Ele afirma que os principais problemas da unidade foram resolvidos e que a situação de mercado está mais positiva, com uma demanda sólida nos EUA. Taxa de câmbio e dólar também favorecem a operação neste momento, diz. "Já tivemos um último trimestre mais positivo", afirmou. Nos nove meses terminados em junho, a CSA teve perdas de € 30 milhões, segundo o executivo, resultado melhor do que as perdas de € 300 milhões no mesmo período do ano anterior.

Sobre a relação societária com a Vale, que tem 27% de participação na CSA, Hiesinger disse que as duas empresas estão em contato para resolver as pendências. É o caso do empréstimo de R\$ 1 bilhão que a Thyssen tem a receber da CSA, aportes feitos no passado pela Vale e reclamações da mineradora brasileira sobre gestão da companhia a

partir de 2009. "Estamos em diálogo e queremos achar o melhor caminho para encontrar as soluções", afirmou Hiesinger.

**14-19/08/2014**

## **OZ PUBLICA PRÉ-VIABILIDADE ECONÔMICA DE SEU DEPÓSITO DE COBRE E OURO**

A australiana Oz Minerals informa, no seu relatório de pré-viabilidade econômica que o seu projeto de cobre e ouro Carrapateena vai produzir US\$22 bilhões em vendas ao longo de sua vida útil.

Carrapateena, um depósito tipo IOCG, hospedado em complexo granítico brechado, fica a 100km do gigantesco Olympic Dam.

O projeto tem um NPV a 8% de US\$1,15 bilhões e terá um CAPEX de US\$2,98 bilhões com um IRR de 13%.

A mina terá uma vida útil de 24 anos e uma produção anual de 12,4 milhões de toneladas. Ao longo de sua vida útil serão produzidas 114.000t de cobre ao ano e 117.000 onças de ouro ao ano.

Fonte: Geólogo

**15-19/08/2014**

## **Rio Tinto descarta retomar mina de cobre na Oceania**

Por James Wilson | Financial Times

A Rio Tinto vai reduzir ainda mais sua carteira de projetos secundários, após anunciar uma revisão de suas opções para a mina de cobre de Panguna, fechada há 25 anos depois de envolvida em um conflito separatista na Papua Nova Guiné.

Panguna, na ilha de Bougainville, no oceano Pacífico, era uma das minas de cobre mais ricas do mundo antes de ser fechada em 1989 em meio a uma revolução violenta que explodiu na ilha. A produção foi suspensa em 1989 e todo o pessoal foi retirado no ano seguinte. Desde então, a mina mal foi tocada.

As chances da Rio Tinto de reabrir com sucesso a mina foram por terra este mês, quando o governo autônomo que hoje controla Bougainville cancelou suas licenças de exploração da mina. Uma lei implementada pelo parlamento autônomo da região na verdade concede à Bougainville Copper Limited (BCL), a operadora da mina, apenas uma licença de exploração e o direito de primeira recusa sobre sua operação renovada.

A Rio Tinto, que controla Panguna por meio de uma participação de 53,8% na BCL, disse ontem que a legislação tornou "o momento apropriado para rever todas as opções" para sua participação. A BCL vinha negociando com o governo autônomo, assim como com o governo de Papua Nova Guiné e donos de terras de Bougainville, um possível retorno a Panguna.

A reabertura de Panguna seria custosa, segundo a Rio Tinto. Seu relatório anual diz que seria necessário um investimento de US\$ 5,2 bilhões para a reabertura da mina com uma nova infraestrutura, de acordo com um estudo concluído pela BCL no ano passado.

Segundo algumas estimativas, a presença renovada da Rio Tinto na ilha também poderia ser controversa depois da guerra civil que estourou em 1989, durou uma década e custou 20 mil vidas. Da maneira como está, a mina é irrelevante para a estratégia da Rio Tinto para sua divisão de cobre, que é baseada na produção de quatro grandes minas - na Mongólia, Chile, Estados Unidos e Indonésia, além de dois projetos que avançam lentamente para a aprovação do conselho de administração.

Sob o comando do executivo-chefe, Sam Walsh, e do presidente da divisão de cobre, Jean-Sebastian Jacques, a Rio Tinto vem eliminando projetos que os executivos acreditam ter poucas chances de avançar e estão consumindo tempo administrativo.

Uma venda pela Rio Tinto de sua participação em Panguna seguiria-se à decisão tomada, este ano, de sair de Pebble, um projeto de exploração de cobre no Alasca que no entender de muitos observadores será muito difícil de ser desenvolvido por causa das preocupações ambientais.

A Anglo American também saiu de Pebble, numa amostra de como as maiores mineradoras do mundo estão tentando reduzir carteiras de ativos inchadas.

A Rio Tinto passou sua participação em Pebble para um grupo de organizações locais e deverá tentar achar um comprador para sua participação na BCL, que continua listada na bolsa de valores da Austrália e tem um valor de mercado de 188 milhões de dólares australianos.

**16-19/08/2014**

## **CENTAURUS PODE PRODUZIR ATÉ 500 MTPA DE MINÉRIO GRANULADO EM CANDONGA**

A Centaurus Metals informou que de 20% a 25% da mineralização de alto teor de itabirito do projeto Candonga, em Minas Gerais, possui minério de ferro granulado pronto para entrega (DSO). Os ensaios de classificação realizados nas amostras de sondagem adamantada apontaram minério de ferro granulado com 65,7% de ferro e poucas impurezas.

De acordo com o comunicado enviado ao mercado na segunda-feira (18) pela empresa, a mineralização de alto teor de itabirito proporciona um minério de ferro sinter feed

pronto para entrega com 65,5% de ferro. O itabirito de alto teor teve 100% de recuperação de massa.

A Centaurus informou que ensaios de classificação anteriores, obtidos a partir de amostras de trincheiras, indicaram que uma taxa de até 40% de minério de ferro granulado pode ser alcançada quando a mina estiver em operação.

Segundo a mineradora, o estudo de viabilidade para avaliar Candonga como uma possível operação DSO deve ser concluído no fim de setembro deste ano. A Centaurus disse que espera começar a produzir no primeiro trimestre de 2015.

A mineradora recebeu o primeiro lote de ensaios do programa de sondagem adamantada de Candonga em 11 de agosto. Os resultados mostram uma série de interseções de alto teor, próximas da superfície, e confirmam o potencial DSO do projeto. Entre as interseções estão 24,6 metros com teor de 64,4% de ferro, 20,3 metros com teor de 62,3% de ferro e 20 metros com teor de 66,0% de ferro.

“Nós estamos muito satisfeitos com os resultados recentes dos ensaios de classificação no projeto Candonga. Esses testes vão continuar a nos fornecer, com confiança, a qualidade do minério de ferro granulado e sinter feed e o potencial de Candonga para se tornar uma operação DSO no início de 2015”, disse Darren Gordon, diretor administrativo da mineradora.

A Centaurus afirmou que o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) planeja agendar uma visita ao site do projeto Candonga como parte do processo para que a mineradora obtenha o Guia de Utilização (GU), solicitado em abril deste ano. A Centaurus aguarda também a aprovação da Licença Ambiental (LA), requerida em maio, por parte da Supram.

“A expectativa é ver um alto nível de atividade e um fluxo de notícias nos próximos meses à medida que seguimos com o desenvolvimento de Candonga e, paralelamente, demos sequência no processo para garantir acordos off-take e financiamentos para o projeto Jambreiro”, afirmou Gordon.

Candonga é um depósito satélite localizado a 33 quilômetros ao sul do projeto de minério de ferro Jambreiro, o principal ativo da empresa no Brasil. Candonga tem capacidade nominal de 2 milhões de toneladas por ano e os recursos medidos, indicados e inferidos somam 116,5 Mt.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**17-19/08/2014**

**TRISTAR DIVULGA ESTIMATIVA DE RECURSOS DE CASTELO DOS SONHOS**

A TriStar Gold divulgou na última segunda-feira (18) que os alvos Esperança Sul e Esperança Centro do projeto Castelo de Sonhos, no Pará, têm estimativa de recursos de 182 mil onças de ouro contidas e indicadas e 98 mil onças de ouro inferidas.

De acordo com a mineradora, os recursos foram baseados em 16.656,50 metros de sondagem adamantada, distribuída em 146 furos, com teor de corte de 0,40 grama por tonelada de ouro. A TriStar afirmou que trabalha agora na elaboração de um relatório de acordo com a NI 43-101.

Segundo Mark E. Jones III, presidente e CEO da TriStar, a empresa ficou satisfeita com as estimativas, que abrangem apenas uma pequena parte da área de exploração do projeto. "Nós agradecemos aos nossos acionistas pela participação no financiamento que possibilitou esta atividade", disse.

A companhia completou, recentemente, uma sondagem detalhada de 4.110 metros, como parte de uma campanha iniciada para demonstrar o potencial econômico para converter uma uma de suas autorizações de pesquisa em concessão de lavra.

Segundo a TriStar, a área que abrange a estimativa de recursos representa apenas cerca de quatro dos 16 quilômetros de área de exploração de ouro do projeto. De acordo com a mineradora, novas campanhas de sondagem já estão previstas para o restante da área.

Conforme divulgado previamente pela TriStar, testes metalúrgicos preliminares indicaram taxas promissoras de recuperação de ouro, alcançando de 73% a 88,6%. De acordo com a mineradora, por meio de tratamento de cianetação com rejeitos de gravidade, a taxa de recuperação aumentou para 95,9% a 99,6%.

Um outro teste, realizado em lixiviação com cianeto em amostras de 2 mm, conseguiu uma média de recuperação de 78,7%, o que indica possibilidade de recuperação por lixiviação.

A Tristar afirmou que para determinar as áreas do projeto com perspectiva econômica para extração foram considerados preço de US\$ 1,4 mil por onça de ouro troy, recuperação metalúrgica de 92,7%, custo do processo de US\$ 11,94 por tonelada, entre outros pressupostos.

Segundo a mineradora, Castelo dos Sonhos é um projeto em que a mineralização de ouro está hospedada em conglomerados proterozóicos e quartzitos, semelhantes aos encontrados em depósitos de ouro como Jacobina, na Bahia, da Yamana Gold, e Tarkwa, em Gana.

A TriStar Gold é uma empresa de exploração de ouro voltada para propriedades de alto potencial, com ênfase no Brasil. Seus principais projetos são Castelo de Sonhos e Bom Jardim, ambos na província mineral de Tapajós, no Estado do Pará.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**18-19/08/2014**

## **SOBRADE PROMOVE 10ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE RECUPERAÇÃO DE ÁREAS DEGRADADAS**

A Sociedade Brasileira de Recuperação de Áreas Degradadas – SOBRADE, com apoio da Universidade Federal do Paraná (UFPR), promoverá a 10ª Edição do Simpósio Nacional sobre Recuperação de Áreas Degradadas (SINRAD) e o Seminário Internacional de Engenharia Natural, agendados para o período de 15 a 19 de setembro de 2014, no Auditório da ITAIPU, na Cidade de Foz do Iguaçu (PR).

Considerado o melhor evento técnico-científico do segmento no Brasil, nesta edição o SINRAD enfatizará as soluções práticas em recuperação de áreas degradadas pelas mais diversas atividades, em especial a mineração, além da agricultura, pecuária, rodovias, ferrovias, indústria, reflorestamento, urbanização, geração e distribuição de energia, enquanto o Seminário de Engenharia Natural abordará temática inédita no Brasil e trará ao país novos conceitos de engenharia que contemplam a variável ambiental, estando previstas participações de palestrantes internacionais que já desenvolvem os temas em seus países.

O público aguardado será formado por representantes do setor produtivo, de instituições governamentais, consultores, especialistas, pesquisadores, professores e estudantes. Também estão abertas inscrições para submissão de trabalhos voluntários, que depois de avaliados, poderão ser apresentados em auditório ou em pôsteres.

Mais informações no site [www.sobrade.com.br](http://www.sobrade.com.br) ou através de e-mail para [sobrade@sobrade.com.br](mailto:sobrade@sobrade.com.br).

Fonte: Assessoria

**19-19/08/2014**

## **IBRAM PROMOVE O 2º WORKSHOP ANALISADORES ON-LINE NA MINERAÇÃO**

O **Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM – [www.ibram.org.br](http://www.ibram.org.br))** promove, no dia 20 de agosto, em Belo Horizonte (MG), a segunda edição do "Workshop Analisadores On-line na mineração". O evento tem o objetivo de debater os benefícios e os desafios do recurso de análises on-line, que são importantes aliados para a competitividade do setor mineral.

A programação inclui debates essenciais para o processo produtivo de empresas e abrange temas como análise química, a granulometria e a determinação do teor de umidade. O evento é direcionado aos profissionais que atuam nas diversas áreas do beneficiamento mineral, desde o projeto até a manutenção dos sistemas de análise on-line instalados.

Segundo o Coordenador Técnico do Comitê para a Normalização Internacional em Mineração (IBRAM-CONIM), Julio Nery, o Workshop surgiu para proporcionar um ambiente de discussão dos temas relacionados à utilização de analisadores on-line para a determinação de umidade, da distribuição granulométrica de minérios de ferro e análise química. “Neste cenário, foi formado o Grupo de Trabalho do IBRAM-CONIM para abrigar estas discussões, que desaguaram na organização da primeira edição do workshop Analisadores On-line na mineração, realizada com sucesso em abril de 2013, na cidade de Vitória (ES). Na ocasião ficou evidenciada a importância dessa ferramenta para a melhoria do controle de processo, no cenário atual de alta competitividade entre as empresas mineradoras, bem como os desafios desde a escolha até a operação destes equipamentos. O evento contou com mais de 100 especialistas de diversas áreas da mineração”, explica.

Nery afirma ainda que este é um assunto fundamental e deve estar em permanente debate. “Um maior conhecimento sobre as diversas técnicas de análises é fundamental para se atender as necessidades específicas do setor”, afirma.

As inscrições já estão abertas e podem ser feitas no site <http://www.ibramworkshop.org.br/>.

O 2º Workshop Analisadores On-line na Mineração conta com o patrocínio da Samarco, Scantech, Spectris e ThermoFisher.

**Serviço:**

2º Workshop Analisadores On-line na mineração

Data: 20 de agosto

Local: em Belo Horizonte (MG)

Informações: <http://www.ibramworkshop.org.br/>

**20-20/08/2014**

**BHP vai separar ativos de níquel e alumínio e criar empresa de US\$ 12 bi**

Por Rhiannon Hoyle e Alexis Flynn | *The Wall Street Journal*, de Sydney e Londres

A BHP Billiton informou que irá separar seus negócios de níquel, alumínio e outras propriedades em uma nova companhia para ser vendida, no que pode se tornar uma das maiores vendas de ativos da história da mineração.

A decisão marca uma forte mudança estratégica para a BHP, de uma empresa bastante diversificada a uma que se concentrará em apenas quatro commodities - carvão, cobre, minério de ferro e petróleo -, responsáveis por quase todo o seu lucro no ano passado. A empresa anglo-australiana adquiriu vários dos ativos que planeja agora vender durante a fusão com a britânica Billiton PLC, em 2001. A cisão deve criar uma empresa de metais de porte médio, com um valor de até US\$ 12 bilhões, que pode se tornar um alvo nobre.

O setor de mineração está atravessando um período de enxugamento. A concorrente anglo-australiana Rio Tinto também está se desfazendo de suas minas de carvão e cobre, após anos de pesados investimentos em aquisições.

As ações da BHP negociadas em Londres caíram 4,9% ontem, com os investidores considerando a estrutura do acordo obscura. Ela está desenhada de forma que os investidores ficarão com ações de uma empresa que é negociada em uma bolsa de outro país. Muitos investidores também esperavam que a BHP fosse usar até US\$ 5 bilhões para recomprar ações. A empresa divulgou ontem alta de 23% no lucro do ano fiscal até junho. A ação da BHP negociada em Sydney subiu 1,4%.

A BHP afirmou que a separação da empresa de capital aberto na Austrália permitiria que o restante da BHP se concentre em suas principais commodities. A reestruturação também daria à BHP flexibilidade para pagar maiores dividendos.

A cisão criaria uma empresa que englobaria todos os negócios de alumínio e manganês da BHP. A nova empresa também incluiria ativos individuais de mineração, como a mina de níquel Cerro Matoso na Colômbia e a mina de prata, chumbo e zinco em Cannington, na Austrália. Também seria incluída a operação de carvão para energia da África do Sul e de carvão para produção de aço de Illawarra, na Austrália.

Os ativos brasileiros de alumínio da BHP também serão incorporados à nova empresa, disse ao The Wall Street Journal Christian Costa, presidente da Brazil Joint Ventures-Aluminium, Manganese & Nickel, da BHP. No Brasil, a BHP participa da Alumar, o Consórcio de Alumínio do Maranhão, em sociedade com a Alcoa e Rio Tinto Alcan. Localizada em São Luiz do Maranhão, a Alumar opera desde 1984 e, segundo a empresa, é um dos maiores complexos do mundo para produção de alumínio primário e alumina. Costa afirmou que a participação da BHP na Alumar também será incluída na nova companhia.

A BHP considerou outras opções para os ativos, como vendê-los separadamente, mas decidiu que seria muito oneroso e gastaria muito tempo, segundo uma pessoa a par da questão.

De acordo com a BHP, a nova empresa, que deve ter um valor de mercado entre US\$ 10 bilhões a US\$ 12 bilhões pelas estimativas de analistas, geraria cerca de US\$ 10 bilhões em receita no ano fiscal de 2014.

O diretor-presidente Andrew Mackenzie, que assumiu o cargo em maio do ano passado, disse ontem que a separação de ativos como os de alumínio e manganês fortalecerá o fluxo de caixa da empresa e elevará o retorno sobre os investimentos. Segundo ele, a nova companhia geraria caixa suficiente para cobrir custos e ter pouca dívida. Mas ele não fez nenhuma promessa de que a empresa irá pagar dividendos, apenas que teria a flexibilidade para pagar se o fluxo de caixa se tornar forte o suficiente.



O diretor-financeiro da BHP, Graham Kerr, que irá liderar a nova empresa, disse que seus ativos produziram um lucro médio anual antes de juros, impostos, depreciação e amortização de US\$ 3,3 bilhões nos últimos dez anos. Ele não deu maiores informações sobre o resultado financeiro da nova empresa, cujo nome ainda não foi escolhido.

A cisão dos ativos representa uma ruptura na estratégia montada pelo diretor-presidente anterior, Marius Kloppers, que deixou a companhia no ano passado. Ele se tornou conhecido entre os investidores por um gráfico batizado de "espaguete". Embora as margens de lucro das diferentes commodities do portfólio da BHP pudessem flutuar a cada ano, indicava o gráfico, o portfólio ainda contribuiria para o crescimento da margem de lucro do grupo, com as de melhor desempenho compensando as mais fracas.

Com a separação, os investidores da BHP nas bolsas da Austrália e do Reino Unido receberão ações da nova companhia. Ela terá sede em Perth, na Austrália, e também será negociada na bolsa de Johannesburgo. A empresa acredita que a cisão, que precisa ser aprovada pelos acionistas, seja concluída no primeiro semestre de 2015.

"Concordo que a lógica da cisão faz muito sentido, permitindo que a BHP se concentre em extrair valor de suas operações principais", diz Sam Twidale, gestor de fundos da Schroders, em Londres, que detém ações da BHP. "Mas ela cria problemas para alguns acionistas britânicos, já que não será listada em Londres." Alguns fundos com sede no Reino Unido são proibidos de ter ações de companhias listadas fora do país.

A nova companhia, mais enxuta, também pode enfrentar custos maiores para captar recursos e obter suprimentos, diz Paul Gait, analista da Sanford C. Bernstein.

A BHP informou que a nova empresa terá a vantagem de seus executivos terem mais tempo para se concentrar na gestão de seus ativos, que hoje não são prioritários na empresa maior.

Ela também pode ser adquirida assim que abrir o capital, disse um grande investidor do setor. A Glencore PLC, mineradora e trading de commodities, pode ser uma compradora potencial. E o ex-executivo do setor de mineração Mick Davis está buscando aquisições para seu novo veículo de investimento, a X2 Resources Partners LP. Davis foi diretor-presidente da Xstrata PLC até ela se unir com a Glencore. A Glencore e a X2 não comentaram.

Os investidores da BHP expressaram frustração, já que a empresa não anunciou os aguardados planos de recomprar ações. Paul Xiradis, líder da gestora australiana de fundos Ausbil Dexia, que detém ações da BHP, diz que há um clima de desapontamento. "Mas acho que nós precisamos ver o cenário mais amplo", diz.

O diretor-presidente da BHP, Mackenzie, disse que a empresa estava sendo prudente em descartar uma recompra agora, com a companhia elevando em 5% seu dividendo, para US\$ 0,62 por ação. "O balanço financeiro é forte e está ficando mais forte e criando a base para futuras discussões sobre gestão de capital."

A BHP registrou lucro de US\$ 13,83 bilhões no ano fiscal até junho, depois de reduzir custos e produzir mais minério de ferro no noroeste da Austrália.

(Colaboraram Andrew Peaple e Eduardo Magossi.)

**21-20/08/2014**

### **MMX poderá ter de pedir recuperação judicial**

Por **Graziella Valenti e Francisco Góes** | De São Paulo e do Rio

MMX, controlada por Eike Batista, busca compradores para suas minas de minério de ferro em Minas Gerais, mas recuperação judicial surge como opção.

O futuro da MMX, mineradora de Eike Batista, pode culminar em uma recuperação judicial seguindo os passos de outras duas companhias do empresário: a OGPar, antiga OGX, e a OSX. No entanto, a preferência ainda é pelo arrendamento ou venda das unidades que restam da MMX depois que a empresa se desfez do controle, em fevereiro, do seu principal ativo: o Porto Sudeste, em Itaguaí (RJ). São essas as opções que estão concentrando a atenção do time da Angra Partners, que faz a gestão, para a reestruturação, do grupo EBX.

Embora haja várias alternativas sobre a mesa sendo analisadas, a recuperação judicial é uma possibilidade, uma opção, em uma conjuntura desfavorável para a empresa em 2014. O cenário de queda nos preços do minério de ferro e o fato de a MMX ter situação ajustada de caixa colocaram a mineradora de Batista em posição delicada, justamente quando a empresa buscava compradores para os seus ativos. Ontem, a ação da MMX fechou a R\$ 1,06, queda de 10,16%, a maior baixa do Ibovespa. No ano, a ação acumula perda de 74,76%.

Desde o fim de julho, a MMX anunciou medidas que podem ajudar a dar fôlego à companhia. Uma delas foi o fechamento de contrato de arrendamento de direitos minerários da MMX em Corumbá (MS) para a Vetria Mineração, controlada pela América Latina Logística (ALL), por US\$ 500 mil ao ano. O primeiro pagamento está programado para o quarto mês após o anúncio. A mina de Mato Grosso do Sul tem capacidade produtiva de 2 milhões de toneladas anuais. No começo de agosto, a MMX informou que Batista irá transferir 10,52% do capital que detém na mineradora para o Mubadala, de Abu Dhabi. A transferência faz parte da reestruturação do investimento do grupo árabe na holding EBX, de Batista.

A negociação com Mubadala tem condições precedentes a serem cumpridas e até agora não se traduziu em caixa novo para MMX, empresa da qual Batista tem mais de 57% do capital. Mas o **Valor** apurou que Batista aportou R\$ 10 milhões na MMX. E também houve empréstimo de US\$ 20 milhões do consórcio Trafigura -Mubadala, que comprou o Porto Sudeste, para a subsidiária MMX Sudeste. Essa empresa controla duas minas no Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais: Serra Azul e Bom Sucesso.

Essas minas, com capacidade de produção de 8,7 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, ainda não têm o futuro definido. Em novembro de 2013, a MMX promoveu revisão do valor do ativo em seus livros, fez um "impairment" ao chegar à conclusão que não via perspectiva de recuperar o ágio pago nas aquisições nem com a venda das minas e nem com sua exploração. Foi um ajuste de R\$ 913 milhões, sendo R\$ 599 milhões referentes à Serra Azul e R\$ 314 milhões, à Bom Sucesso.

A MMX terminou o primeiro trimestre do ano com caixa líquido de R\$ 86,7 milhões. De janeiro a março, a empresa teve prejuízo de R\$ 69,2 milhões. Os resultados do segundo trimestre serão divulgados em 15 de outubro, depois do prazo para divulgação dos dados.

Uma fonte disse que para operar em nível próximo do equilíbrio, no atual cenário de preços do minério, a MMX depende de recursos de terceiros. A empresa estuda medidas operacionais para baixar custos. A MMX também vem tentando achar compradores para a mina de Serra Azul e haveria propostas sendo analisadas, mas nenhuma delas que leve a um compromisso definitivo de compra-venda. É importante, no caso da MMX, que os interessados tenham escala, o que ajuda a ampliar a rentabilidade. O cenário do preço do minério de ferro não tem contribuído para que os negócios sejam fáceis ou rápidos.

O minério de ferro foi negociado ontem a US\$ 93 a tonelada no mercado à vista da China, o menor preço desde 20 de junho. O preço médio no ano está em US\$ 108, 20% abaixo dos US\$ 135 de 2013. E os preços não devem voltar mais a patamares "exuberantes" como há dois ou três anos. Nesse ambiente adverso, a MMX mantém paralisado seu projeto de expansão de Serra Azul. A meta original era expandir a mina para 29 milhões de toneladas ao ano, projeto depois reduzido para 15 milhões de toneladas. No primeiro trimestre, a MMX produziu 1,38 milhão de toneladas. **(Colaborou Olivia Alonso).**

**22-20/08/2014**

### **Encontro em Brasília debate desafios para o setor ferroviário no país**

O fortalecimento do transporte ferroviário de cargas e de passageiros no Brasil será discutido nesta quarta (20) e quinta-feira (21) em Brasília durante o 6º Brasil nos Trilhos. O evento é promovido pela Associação Nacional dos Transportadores Ferroviários (ANTF) e a Associação Nacional dos Transportadores de Passageiros sobre Trilhos (ANPTrilhos).

No primeiro dia, o destaque será para as palestras técnicas. Serão debatidas questões jurídicas, de segurança, e o cenário internacional do modal ferroviário. O segundo dia contará com a participação de ministros e outras autoridades do setor. Também está prevista a participação do vice-presidente da República, Michel Temer.

O transporte de cargas conta atualmente com uma malha ferroviária de 28,8 mil quilômetros de extensão, por onde circulam 25% de todas as riquezas do Brasil.

Segundo a ANTF, em 2012, foram movimentados mais de 481 milhões de toneladas de cargas como minério de ferro, commodities agrícolas, carvão, combustíveis e açúcar.

**23-20/08/2014**

### **Glencore sai de prejuízo para lucro de US\$ 1,78 bilhão no 1º semestre**

Por **Renato Rostás** | Valor

**SÃO PAULO** - O grupo anglo-suíço de venda de commodities Glencore registrou lucro líquido de US\$ 1,78 bilhão no primeiro semestre de 2014. No mesmo período do ano anterior, a companhia havia registrado prejuízo de US\$ 9,32 bilhões.

De janeiro a junho, a empresa observou aumento de 1,8% na receita líquida, que terminou em US\$ 114,06 bilhões. O incremento veio com o maior volume de metais vendidos, especialmente cobre, zinco e ouro, durante a primeira metade do ano.

A holding, que também extrai os recursos minerais principalmente após a integração da mineradora Xstrata - conseguiu segurar seus custos no período, que fecharam em leve avanço de 0,3%, para US\$ 110,33 bilhões.

A virada em um ano veio, contudo, mais por conta da base fraca de comparação. As perdas do primeiro semestre do ano passado se deram por uma baixa contábil de US\$ 8,12 bilhões no ágio que a Glencore possuía exatamente da compra da Xstrata.

O lucro líquido da anglo-suíça nos seis meses só não foi maior porque o nível de impostos sobre o resultado foi a US\$ 717 milhões. Em 2013, essa linha do balanço foi positiva em US\$ 163 milhões por causa de créditos fiscais.

Desconsiderando esses itens — e, também, consolidando os números da mineradora adquirida em toda a extensão dos períodos — o lucro “ajustado” da Glencore teria avançado 8% no primeiro semestre, para US\$ 2,01 bilhões.

**24-20/08/2014**

### **DUSOLO OBTÉM LICENÇAS PARA PROCESSAR FOSFATO DE APLICAÇÃO DIRETA EM TO**

A DuSolo Fertilizers, antiga Eagle Star, obteve as licenças ambiental e de operação para a instalação de processamento de Fertilizante Natural de Aplicação Direta (Danf, na sigla em inglês), próximo ao projeto Bomfim, em Tocantins. A empresa pretende atingir uma capacidade de processamento de 160 mil toneladas de Danf até 2015.

O monitoramento do impacto ambiental inclui a gestão da qualidade da água, o controle de poeira, a inspeção de drenagem e a contenção de ruído. A instalação foi considerada de pouco impacto ambiental e, portanto, necessita de atividades de compensação adicionais. A mineradora construiu uma estufa perto da mina com o objetivo de preservar espécies de plantas nativas.

A DuSolo pretende, por meio de uma série de britadores, peneiras e moinhos, processar o fosfato de alta qualidade descoberto no alvo Santiago em três produtos Danf de diferentes teores de fosfato, sendo 12%, 15% e 18% de P<sub>2</sub>O<sub>5</sub>.

Sob os termos do acordo de arrendamento da instalação, divulgado no dia 11 de agosto, a DuSolo assumiu o direito de operar a unidade pelo período de um ano, com a opção de renovar o contrato por mais um ano. A empresa afirmou, na ocasião, que concluiu todas as modernizações necessárias para o funcionamento da unidade.

A unidade Danf fica a 29 quilômetros do alvo Santiago, que pertence ao projeto Bomfim, e consiste em circuitos de britagem e moagem ligados por um sistema de correia transportadora. Segundo a empresa, o processo permite que o material mineralizado seja separado e depois alimentado nos moinhos de martelos, a fim de atingir o tamanho do grão desejado para o produto final.

Segundo a DuSolo, o produto será vendido para fazendas locais e centros agrícolas nas proximidades do projeto. A mineradora afirmou que os agricultores da região acostumaram a usar Danf em suas colheitas ao longo dos últimos anos, mas, devido a uma recente restrição da oferta, não conseguem mais adquirir o produto localmente.

A DuSolo pretende, então, preencher a atual lacuna do mercado, proporcionando aos agricultores uma alternativa de fornecimento local para os próximos anos. A empresa aguarda agora a aprovação do Guia de Utilização (GU) para o alvo Santiago.

A DuSolo Fertilzers, antiga Eagle Star, é uma mineradora canadense voltada para o desenvolvimento, exploração e aquisição de oportunidades de fosfato no Brasil. Além de Bomfim, a empresa controla o projeto Ruth e o projeto Samba, ambos no Estado do Piauí.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**25-20/08/2014**

## **CETEM INAUGURA NÚCLEO PARA AMPLIAR COMPETITIVIDADE DO SETOR DE ROCHAS ORNAMENTAIS**

O Centro de Tecnologia Mineral (CETEM/MCTI) inaugura dia 26 de agosto, às 14h, o Núcleo Regional do Espírito Santo, na cidade de Cachoeiro de Itapemirim. O Núcleo tem como objetivo desenvolver pesquisas tecnológicas e oferecer serviços técnicos de interesse da área mineral, com ênfase no setor brasileiro de rochas ornamentais, principalmente ao Estado do Espírito Santo, maior produtor e exportador das rochas ornamentais no país. A iniciativa visa ampliar a competitividade do setor de rochas ornamentais que está em quarto lugar no ranking das exportações minerais com mais de US\$ 1 bilhão ao ano, contribuindo muito para o saldo comercial brasileiro.

O Núcleo de Pesquisa do CETEM, construído numa área de 1.500 m<sup>2</sup>, em terreno doado pela Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim, conta com vários laboratórios, usina-piloto, auditório e biblioteca. Trinta colaboradores, entre servidores, terceirizados e bolsistas integrarão a equipe que desenvolverá as atividades na nova Unidade.

### **Linhas de pesquisa**

O Núcleo desenvolverá diversas linhas de pesquisa para rochas ornamentais, das quais se destacam: melhorias tecnológicas nos processos de lavra e beneficiamento; aproveitamento de resíduos e pesquisas tecnológicas das rochas ornamentais. Estará habilitado também a prestar serviços em estudos específicos; caracterização tecnológica de rochas e minérios e classificação de resíduos. No setor de rochas ornamentais, o CETEM realiza parceria com universidades (nacionais e internacionais) e com instituições atuantes no setor de rochas ornamentais, como a ABIROCHAS, CENTROROCHAS, SINDIROCHAS, ANPO, CETEMAG E AAMOL, Universidades (UFPE, UFES, IFES, UNES, UENF, dentre outras) e diversas empresas com as quais desenvolve projetos de pesquisa. Além de contar com o apoio do CETEM na sede do Rio de Janeiro.

Fonte: Assessoria

**26-20/08/2014**

### **VALE CONCLUI A VENDA DE PARTICIPAÇÃO NA VLI PARA A BROOKFIELD**

A Vale informa que concluiu a transação anunciada em 23 de dezembro de 2013, transferindo 26,5% do capital total da VLI para o fundo de investimento da Brookfield Asset Management por R\$ 2 bilhões. Como resultado da conclusão da transação, a Vale detém 37,6% do capital total da VLI.

Em abril, a Vale completou as transações com a Mitsui e o FI-FGTS, nas quais foram transferidos 20% do capital total da VLI para a Mitsui e 15,9% para o Fundo de Investimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço – FGTS (FI-FGTS).

Fonte: Vale

**27-20/08/2014**

### **Brasil ganha mais moderno laboratório de pedras preciosas da América do Sul**



Rio de Janeiro, 19 ago (EFE).- O Laboratório de Pesquisas Gemológicas (Lapege), considerado o mais moderno da América do Sul, foi inaugurado nesta terça-feira no Rio de Janeiro com o objetivo de "melhorar o desenvolvimento do setor brasileiro da joalheria, as gemas e a bijuteria", de acordo com o pesquisador responsável, Jürgen Schnellrath.

O laboratório, que fica no Centro de Tecnologia Mineral (Cetem), do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, na Ilha do Fundão, é equipado com material de ponta para averiguar a verdadeira origem das pedras preciosas e evitar as imitações sintéticas, muito comuns no mercado, explicou Schnellrath na cerimônia de inauguração. Um dos aparelhos que mais chama atenção no local é um espectrofotômetro capaz de medir e comparar a quantidade de luz absorvida por uma determinada pedra.

"A nossa competência aqui é mais voltada para a parte de identificação e caracterização de pedras preciosas, mas também metais preciosos", explicou Schnellrath em entrevista à "Agência Brasil".

Conforme explicou, existem diamantes coloridos que podem chegar a valer US\$ 1 milhão o quilate e que, em algumas ocasiões, a cor é criada artificialmente para sua falsificação, algo que com o equipamento é possível identificar.

"Daí, o Cetem ter investido nas técnicas mais avançadas, para poder resolver problemas que até hoje não tinham solução".

Entre os objetivos do Lapege está estabelecer um acordo de colaboração com o Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos (IBGM) o transformando no encarregado da emissão dos certificados de autenticidade das joias e pedras preciosas.

Segundo o IBGM, o setor brasileiro de gemas e joias gera 350 mil empregos diretos no país, e em 2012 registrou um faturamento de R\$ 7,5 bilhões. Quase toda a cadeia produtiva (96%) é formada de micro e pequenas empresas.

"O Brasil foi o maior produtor mundial de diamantes, durante 150 anos, desde o início da época colonial até 1866, quando foram descobertos diamantes na África do Sul", afirmou Schnellrath. EFE

**28-20/08/2014**

**BHP, a maior do mundo, se divide em duas**

A maior mineradora do mundo está colocando os seus ativos de menor importância em uma nova empresa. Nesta serão colocados os projetos de manganês, níquel e alumínio. Esta nova empresa terá um valor inicial de US\$8 bilhões e, naturalmente, deverá vender o seu portfólio ao longo do tempo.

Enquanto isso a BHP Billiton irá se concentrar nos ativos que realmente fazem o seu fluxo de caixa, o ferro, cobre, carvão e o petróleo. Os projetos de potássio não serão separados.

Fonte: [www.geólogo.com.br](http://www.geólogo.com.br)

**29-20/08/2014**

## **COBRE**

### **Rio Tinto descarta mina de Panguna**

O Governo autônomo que controla a ilha de Bougainville, em Papua Nova Guiné, cancelou as licenças de exploração da mina de cobre Panguna, da Rio Tinto. Uma lei implementada pelo parlamento autônomo da região concede à Bougainville Cooper Limited (BCL), a operadora da mina, apenas uma licença de exploração e o direito de primeira recusa sobre sua operação renovada. A Rio Tinto, que controla Panguna através de participação de 53,8% na BCL, disse que a legislação tornou o momento ideal para rever todas as opções para sua participação. A BCL tem negociado com o governo autônomo, e com governo de Papua Nova Guiné e donos de terrenos na ilha para um possível retorno à Panguna. A Rio Tinto considera que a reabertura da mina, fechada desde 1989, teria um custo elevado, de cerca de US\$ 5,2 bilhões. A mineradora considera que a venda do ativo seria a melhor opção, já que mantém projetos mais estratégicos de cobre na Mongólia, Indonésia, Chile e Estados Unidos.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 666

**30-21/08/2014**

## **MINERIO DE FERRO**

### **MMX para produção em Serra Azul**

A MMX Mineração e Metálicos irá conceder, a partir de setembro, férias coletivas por período de 30 dias aos funcionários que respondem pela operação da MMX Sudeste Mineração S.A., unidade Industrial produtora de minério de ferro localizada na região de Serra Azul, situada nas cidades de Igarapé, Brumadinho e São Joaquim de Bicas, todas localizadas no Estado de Minas Gerais. Permanecerão em atividade regular os setores responsáveis pela manutenção e conservação da Unidade Serra Azul, além do quadro administrativo. A MMX explica que as férias coletivas e a consequente paralisação da produção de Serra Azul está diretamente relacionada ao longo período de retração dos preços do minério de ferro no mercado internacional, bem como em função de restrições operacionais do órgão ambiental do Estado de Minas Gerais, impostas até que se definam as áreas de proteção de determinadas cavidades existentes em alguns setores de lavra. Durante este período, a MMX atuará na busca contínua de redução de seus custos, otimização de recursos destinados à lavra e modernização de suas atuais



instalações, o que garantirão melhorias significativas de eficiência no volume e qualidade no retorno da operação, mitigando desta forma o impacto da retração de preços.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 666

**31-21/08/2014**

## **AÇO**

### **Produção mundial cresce 1,7% em julho**

Segundo a Associação Mundial do Aço (WSA), a produção mundial atingiu 137 milhões t em julho, aumento de 1,7% na comparação com o mesmo mês de 2013. A produção chinesa alcançou 68.3 milhões t, crescimento de 1,5%, enquanto Japão e Coreia produziram 9.3 milhões e 5.9 milhões t de aço, com a produção nipônica mantendo-se estável sobre julho de 2013 e a sul-coreana crescendo 6,2%, respectivamente. No bloco europeu, a Alemanha produziu 3.4 milhões t no mês, aumento de 1,5%. Já o Reino Unido apresentou queda de 4,4%, para 1 milhão t, enquanto Áustria e Holanda caíram 5,2% e 0,5%, respectivamente, com produção de 600 mil t cada na comparação com julho de 2013. A Turquia produziu 2.8 milhões t em julho, 1% a mais que em julho do ano passado. Na Rússia e Ucrânia, a produção atingiu 6,2 milhões t e 2,5 milhões t, respectivamente, com incremento de 8,1% e queda de 11,7%. A produção dos Estados Unidos, em julho, alcançou 7.6 milhões t, 2,3% a mais que no mesmo mês de 2013. Em julho, o Brasil produziu 2.9 milhões t de aço bruto, com aumento de 0,5% na comparação com o mesmo mês do último ano. A capacidade de utilização foi de 75.4% em julho, 1,2% menor que

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 666

**32-21/08/2014**

## **CFEM**

### **TCU constata sonegação em áreas minerárias**

Segundo auditoria do Tribunal de Contas da União (TCU), realizada pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), de cada quatro áreas que faz extração de minério no Brasil, apenas uma recolhe devidamente a CFEM. Em 2012, segundo o TCU, havia 20,7 mil títulos minerários ativos no País, dos quais apenas 5,4 mil fizeram o recolhimento correto do imposto. A CFEM é uma contribuição dividida entre União (12%), estados (23%) e municípios produtores (65%). A falta de padrão e controle sobre o recolhimento da CFEM é tão grande que TCU e DNPM não conseguiram mensurar o tamanho do prejuízo com a sonegação das empresas. Apenas em 2013, foram arrecadados R\$ 2,37 bilhões com a CFEM, 29,5% superior ao recolhido no ano anterior. O TCU pediu ao DNPM dados sobre as fiscalizações realizadas in loco pela autarquia. O DNPM mostrou números de 101 empresas que atuam nos estados de Minas Gerais, Pará, Espírito Santo e Goiás. Entre 2009 e 2011 foram checados os valores pagos pelas

empresas e a extração efetiva de minerais que ela fizeram. Segundo o levantamento, no período, as empresas deveriam ter recolhido R\$ 160 milhões, mas só desembolsaram R\$ 47 milhões, o que corresponde a 23% do que era devido. A Diretoria de Planejamento e Arrecadação (Dipar) do DNPM afirmou que há dez anos o procedimento de cobrança da CFEM é totalmente manual, e que, apesar da escassez de recursos na área de tecnologia da informação, o resultado atual é infinitamente superior ao de dez anos atrás. O DNPM criticou as conclusões do TCU, já que dos 20,7 mil títulos muitos poderiam estar extintos ou sem operação. O TCU rebateu o argumento e garante que pediu informações de processos exclusivamente ativos.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 666

**33-21/08/2014**

## **PORTOS**

### **Antaq dá aval para expansão da CSN e Santos Brasil**

A Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq) deu aval para ampliação de dois projetos de infraestrutura portuária – um da Santos Brasil e o outro da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que prevêem investimentos de R\$ 3,7 bilhões nos próximos anos. As duas empresas devem ganhar extensão de seus contratos de arrendamento nos porto de Santos e Itaguaí até 2047. Os contratos originais vigoram até 2022. Para sair do papel, os projetos precisam agora da autorização da Secretaria de Portos (SEP), que já sinaliza intenção de aprovar esse tipo de arranjo. O terminal de granéis sólidos Tecar, da CSN, em Itaguaí, escoia minério de ferro para outros continentes. O projeto deve receber aportes de R\$ 2,5 bilhões e gerar 1,7 mil empregos diretos, além de dobrar a capacidade das instalações para 60 milhões t/ano. A Santos Brasil vai ampliar o Tecon Santos com R\$ 1,2 bilhão até 2018. Estão programadas duas intervenções: prolongamento do cais de atracação dos atuais 980m para 1200 m e aumento da profundidade dos berços de 13 para 15 m. Com isto, a empresa ampliará sua capacidade de 2,4 milhões de TEUs/ano. Além do R\$ 1,2 bilhão inicial, serão investidos mais R\$ 1,9 bilhão até 2044, data em que o contrato será rediscutido.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 666

**34-21/08/2014**

## **LOGÍSTICA**

### **Vale conclui venda de parte da VLI**

A Vale concluiu a venda de 26,5% do capital total da VLI para o fundo de investimento da Brookfield Asset Management, por R\$ 2 bilhões. Como resultado da conclusão da transação, a Vale detém 37,6% do capital total da VLI. Em abril, a Vale completou as transações com a Mitsui e o FI-FGTS, nas quais foram transferidos 20% do capital total da VLI para a Mitsui e 15,9% para o Fundo de Investimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS (FI-FGTS).

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 666

**35-21/08/2014**

## **VANÁDIO**

### **Largo Resources renomeia projeto no Brasil**

Para homenagear o Presidente da Operação brasileira da Companhia, Kurt Menchen, a Largo Resources decidiu renomear seu projeto Maracás com o nome de Maracás Menchen Mine. Kurt Menchen é um engenheiro de minas com experiência de mais de 30 anos em operações e projetos de mineração no Brasil. A fase de processamento do projeto será chamada de “Facility Ford”, em referência ao Sr. Les Ford, Vice-Presidente Sênior da largo e Diretor-Técnico de Operações no Brasil. O depósito de Gulcari será renomeado para Depósito Campbell, em reconhecimento ao Vice-presidente de Exploração da Largo.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 666

**36-21/08/2014**

## **NEGÓCIOS**

### **ThyssenKrupp investe R\$ 450 mi no Brasil até 2016**

A ThyssenKrupp planeja investir R\$ 450 milhões no Brasil, entre 2013 e 2016. Alguns projetos já estão em andamento, como o aumento da capacidade de produção da fábrica de elevadores em Guaíba (RS) e a modernização da linha de componentes automotivos em campo Limpo paulista (SP). Entretanto, a siderurgia é o setor com maior participação nos negócios da Companhia no Brasil, entre 40% e 45%. Heinrich Hiesinger, Presidente da ThyssenKrupp, afirmou que vê potencial de crescimento da área de soluções para a indústria, especialmente no setor de fertilizantes, com a construção de novas fábricas. O executivo diz que no longo prazo os negócios da ThyssenKrupp devam ter em foco setores mais rentáveis que o aço, que responde por 30% do faturamento global do Grupo.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 666

**37-21/08/2014**

### **Vale recebe licença prévia para ampliar produção em Serra Norte**

Por **Francisco Góes | Do Rio**

A Vale conseguiu a licença prévia do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para ampliar a produção de minério de ferro na

Serra Norte de Carajás, no Pará. O licenciamento, permitindo a expansão da lavra nas minas N4 e N5, em Carajás, era esperada com expectativa pelo mercado e pela própria empresa. A licença prévia, resultante do chamado Estudo Global das Ampliações (EIA Global), foi assinada pelo presidente do Ibama, Volney Zanardi Junior, conforme antecipado ontem pelo **Valor PRO**, serviço de informação em tempo real do **Valor**.

No começo da noite, a Vale divulgou nota na qual informou que o licenciamento do Ibama compreende a ampliação das cavas N4WS, N5S, Morro I e Morro II. Com exceção da mina N5S, onde a Vale opera com restrições, as demais minas ainda não foram exploradas. Juntas as quatro minas contêm 1,8 bilhão de toneladas de reservas, segundo a mineradora. A Vale disse que a licença dá permissão para formar pilhas de estéril (resíduos) no Sistema Norte de Carajás. Segundo a companhia, os próximos passos no processo de licenciamento ambiental será obter as licenças de instalação e operação, assim como a autorização para supressão vegetal.

Em nota, o presidente da Vale, Murilo Ferreira, afirmou que o EIA Global representa passo importante para o crescimento da produção de minério de ferro e para o alcance da meta de produção da companhia. A Vale espera produzir 312 milhões de toneladas e vender 321 milhões de toneladas de minério de ferro neste ano. Estimativa anterior da companhia estimou que o EIA Global poderia liberar 1 bilhão de toneladas em reservas para a Vale em Carajás.

### ***Licenciamento do Ibama para quatro minas em Carajás contêm 1,8 bilhão de toneladas de reservas de minério***

O Ibama também divulgou nota na qual afirmou que o licenciamento para as ampliações das minas N4 e N5 representa uma consolidação do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo instituto, desde 2002, na busca contínua por melhorias na gestão ambiental do empreendimento. "O Plano das Ampliações contempla não somente a lavra de corpos minerais, mas também avança no sentido de possibilitar a utilização de estruturas de beneficiamento já implantadas como usinas, correias transportadoras, acessos viários, pilhas de estéril e estruturas administrativas", disse o Ibama, em nota.

A previsão, segundo o instituto, é a implementação de 1.246 hectares de pilhas de disposição de estéril em áreas de cava já lavradas, reduzindo, assim, a influência sobre áreas naturais da Floresta Nacional de Carajás (Flona), onde se situam as minas da Vale. O Ibama também destacou a interação técnica com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), que propiciou melhora na conservação das áreas de ocorrência de canga, ambientes naturais associados a depósitos de minérios de ferro, e do patrimônio "espeleológico" (cavernas) presente na Flona de Carajás.

Na sexta-feira, conforme noticiado pelo **Valor PRO**, o ICMBio já havia autorizado o Ibama a conceder a licença. A autorização do ICMBio ao Ibama é uma condição prevista na lei 9.985, de 2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Uma das condicionantes impostas pelo ICMBio é o avanço

de estudos da área de canga, um dos dois ecossistemas da Flona. O outro é a floresta. A canga é uma savana adaptada ao solo rico em ferro e possui fauna e flora típicos.

O desafio é buscar a compatibilidade entre mineração e biodiversidade na Flona, que ocupa área total de 392.725 hectares. Desse total, 11.380 hectares correspondem à canga, segundo o ICMBio. Nas contas do instituto, as expansões nas minas N4 e N5 mais a exploração do projeto S11D, o maior projeto da história da Vale, também em Carajás, vão aumentar de 21% para 34,6% a supressão da área de canga na Flona. Mesmo assim, não há risco ainda de perda da biodiversidade, segundo afirmação do ICMBio. Outra discussão é a mineração perto de cavernas, classificadas em categorias. Há cavernas consideradas de baixa, média, alta e máxima relevância.

**38-21/08/2014**

### **MMX concede férias coletivas para ganhar tempo**

Por **Francisco Góes | Do Rio**

A decisão da MMX, mineradora de Eike Batista, anunciada ontem em fato relevante, de dar férias coletivas por 30 dias aos empregados envolvidos na operação da mina de Serra Azul, em Minas Gerais, foi interpretada por fontes no mercado como uma tentativa da empresa de ganhar tempo. A MMX analisa vários cenários futuros e um deles é a recuperação judicial. A paralisação de Serra Azul, a partir de setembro, resulta de dois fatores: a queda nos preços do minério de ferro e restrições operacionais enfrentadas pela companhia.

Em fevereiro deste ano, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais (Semad) embargou a lavra na área da mina "Tico-tico", em Serra Azul, por estar localizada em área próxima a cavidades de relevância ambiental, afirmou ontem a Semad. Em maio, após nova vitória, também foi determinado embargo da Unidade de Tratamento de Minério (UTM) e de estrada próximas às cavidades, disse a Semad, em nota. Também houve aplicação de multas por descumprimento da legislação ambiental.

A MMX apresentou estudo técnico sobre o assunto que está em análise. A expectativa da MMX, segundo apurou o **Valor**, é que seja possível chegar a um acordo, eliminando as restrições impostas pela Semad. Desta forma, a empresa voltaria a ganhar maior escala de produção dentro da configuração atual do projeto de Serra Azul. Serra Azul tem capacidade de produzir cerca de 6 milhões de toneladas de minério de ferro por ano. Atualmente, com o preço à vista do minério de ferro no mercado chinês abaixo de US\$ 100, e com as restrições ambientais da Semad, a MMX não tem como operar próximo de um ponto de equilíbrio. A empresa trabalha com situação apertada de caixa e, como resultado, depende de recursos de terceiros para continuar a funcionar.

A Semad informou que o embargo está vigente até que os estudos apresentados pela empresa para adequação de raio da área de proteção das cavernas sejam analisados pela

secretaria e aprovados pelo Conselho Estadual de Política Ambiental de Minas Gerais (Copam), ainda sem data prevista.

No fato relevante, a MMX também afirmou que vai revisar seu atual plano de negócios para priorizar "iniciativas geradoras de caixa". Essas iniciativas, segundo disse uma fonte, envolvem a venda ou arrendamento dos ativos detidos pela companhia: as minas na Serra Azul, em Minas Gerais, e a participação de 35% que a empresa tem no Porto Sudeste, em Itaguaí (RJ). Eike Batista visitou Serra Azul recentemente em companhia de um potencial investidor.

Propostas de negócios são analisadas pela MMX, mas nenhuma delas tem força de um compromisso definitivo entre as partes. O atual cenário de preços do minério dificulta o fechamento do negócio. Há dúvidas se a empresa poderia enfrentar dificuldades para transferir os direitos minerários que detém na Serra Azul, arrendados de outra companhia, para um possível comprador. Mas a fonte disse não ver problema para a transferência de titularidade.

**39-21/08/2014**

### **Fortescue Metals: Lucro sobe 56% com aumento da produção de minério**

Por **Olivia Alonso** | Valor

**SÃO PAULO** - A mineradora australiana Fortescue Metals, uma das maiores produtoras de minério de ferro do mundo, divulgou nesta quarta-feira um lucro líquido de US\$ 2,73 bilhões no ano fiscal terminado em 30 de junho, crescimento de 56% em relação ao resultado de US\$ 1,75 bilhão obtido um ano antes. As receitas subiram 45%, para US\$ 11,75 bilhões.

A empresa elevou sua produção em 54% no ano, atingindo volume recorde de 124 milhões de toneladas de minério de ferro. No momento, afirma que está operando a um ritmo anualizado de 155 milhões de toneladas. O custo de produção da mineradora caiu 23%, para aproximadamente US\$ 33 por tonelada no período de 12 meses encerrado em junho.

No ano fiscal de 2015/2016, a empresa espera embarcar entre 155 milhões e 160 milhões de toneladas, com custo de US\$ 31 a US\$ 32 por tonelada.

Em apresentação a investidores, a companhia mostrou otimismo com a demanda chinesa por minério de ferro citando, a urbanização no país. A empresa menciona que 200 milhões de pessoas ainda vão migrar para a cidade, o que sustentará a demanda por aço.

A Fortescue Metals disse também que as importações de minério de ferro na China neste ano, até o momento, são 20% superiores ao volume do mesmo período de 2013.

Fonte: Valor

**40-21/08/2014**

## **MMX negocia 300 mil toneladas de minério de ferro**

Por Mariana Sallowicz | Estadão

Com dívidas em atraso e problemas de caixa, a MMX, mineradora de Eike Batista, negocia a venda do estoque de 300 mil toneladas de minério de ferro, ao mesmo tempo em que continua à procura de interessados em arrendar ou comprar outros de seus ativos, apurou o Broadcast, serviço de notícias em tempo real da Agência Estado, com fontes envolvidas na negociação. A estratégia é buscar as alternativas para evitar um pedido de recuperação judicial, mecanismo já utilizado por outras empresas de Eike: a petroleira Óleo e Gás Participações (OGPar, antiga OGX) e a companhia de construção naval OSX.

Apesar disso, o recurso é visto como uma possibilidade, ainda que a prioridade seja levantar os recursos e evitar recorrer a ele. Nesta quarta-feira, 20, a empresa anunciou que vai paralisar temporariamente a produção de minério de ferro e agravou as desconfianças dos investidores. A percepção do mercado é de que a empresa não conseguirá postergar por muito tempo o pedido de recuperação judicial. As ações da mineradora lideraram as perdas do Ibovespa hoje, com queda de 8,49%.

Sem escala, a empresa vive um momento "tenso", disse uma das fontes. Além das dívidas, o preço do minério de ferro está em queda. Nesta terça, 19, o preço da commodity no mercado à vista na China caiu para uma mínima de dois meses, vendido a US\$ 93 a tonelada. A companhia encerrou o primeiro trimestre do ano com dívidas de R\$ 966 milhões, sendo R\$ 718 milhões com fornecedores.

### **Cardápio**

Entre os ativos que a mineradora tem para oferecer estão as suas minas Tico-Tico e Ipê, em Serra Azul (MG), com capacidade instalada para produzir anualmente aproximadamente 6 milhões de toneladas de minério de ferro. A empresa possui ainda 35% de participação no Porto Sudeste, localizado em Itaguaí (RJ) - em fevereiro vendeu o controle e 65% da fatia para o consórcio Trafigura/Mubadala. Por último, tem direitos minerários da unidade de Bom Sucesso (MG).

A informação sobre os números do estoque foram confirmados pela MMX. A empresa deverá vender o produto para o mercado externo, provavelmente China ou outros mercados asiáticos, apurou a reportagem. No primeiro trimestre, a mineradora não exportou porque os contratos para embarques por meio do terminal CPBS, em Itaguaí (RJ), só eram válidos a partir de abril. Entre aquele mês e agosto, a MMX fez seis embarques, num total de cerca de 1 milhão de toneladas de minério de ferro, sendo a maior parte escoada para o mercado asiático.

Já o sistema Corumbá, em Mato Grosso do Sul, já foi arrendado em julho pela Vetria Mineração, em meio a ações para dar fôlego à companhia. A MMX receberá anualmente US\$ 500 mil, a serem pagos em 12 parcelas a partir do quarto mês de celebração do contrato. Esse dinheiro deverá trazer alívio para o caixa da empresa a partir de novembro.

### **Cortes**

Enquanto as negociações ocorrem, a MMX está reduzindo custos, paralisando produção e revendo a sua estrutura. A empresa anunciou em comunicado ontem que planeja



apresentar novo modelo de negócios junto com a divulgação dos resultados do segundo trimestre, em 15 de outubro.

A companhia concederá férias coletivas a seus colaboradores envolvidos diretamente na operação da sua unidade de Serra Azul. A parada começa na primeira semana de setembro. A ação deve atingir em torno de 400 funcionários, de um total de 550 trabalhadores naquela operação. Seguem em atividade os colaboradores envolvidos nos setores responsáveis pela manutenção e conservação da unidade e o pessoal do quadro administrativo. Haverá, dessa forma, economia com custos operacionais, como energia, além do transporte e alimentação dos funcionários.

A justificativa pela decisão foi a "prolongada e acentuada retração dos preços do minério de ferro no mercado internacional" e restrições operacionais impostas pelo órgão ambiental do Estado de Minas Gerais.

Na terça-feira, em meio a rumores de que o pedido de recuperação judicial sairá até o final do mês, a empresa negou a informação.

**41-21/08/2014**

### **Vale obtém licença ambiental prévia para EIA Global de áreas de Carajás**

SÃO PAULO (Reuters) - A mineradora Vale, maior produtora de minério de ferro do mundo, obteve licença ambiental prévia para o EIA Global (estudo de impacto ambiental) para algumas áreas do Sistema Norte de Carajás, onde a companhia espera ampliar a produção em seu principal polo minerador.

O licenciamento do EIA Global envolve a ampliação das cavas de N4WS, N5S, Morro I e Morro II, que contêm 1,8 bilhão de toneladas de reservas, conforme fato relevante divulgado nesta quarta-feira.

A licença prévia "representa um passo importante para o crescimento da produção de minério de ferro e para o alcance de nossas metas, sempre com respeito ao nosso compromisso de agir de forma transparente e sustentável", disse o diretor-presidente da Vale, Murilo Ferreira, em nota.

A próxima etapa no processo de licenciamento ambiental das áreas é obter as licenças de instalação e operação, assim como a autorização para supressão vegetal, acrescentou a empresa em comunicado.

O complexo minerador de Carajás, o maior produtor de minério de ferro em operação do mundo, engloba a operação simultânea de cinco minas a céu aberto: N4E, N4W, N5E, N5W e N5 Sul.

Das minas de Carajás, saem aproximadamente 35 por cento do minério de ferro produzido pela Vale.

A área de mineração de Carajás ocupa menos de 3 por cento da Floresta Nacional de Carajás, lembrou a Vale, citando que, em parceria com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), contribui para a conservação de uma área três vezes maior, de cerca de 1,2 milhão de hectares.

"Dentre as ações realizadas em Carajás, a Vale desenvolve um amplo programa de recuperação de áreas que tem como objetivo a recomposição vegetal das áreas já mineradas com a utilização de espécies nativas da Floresta Nacional de Carajás", acrescentou a empresa, que ainda mantém uma estruturada rede de monitoramento ambiental.

(Por Fabíola Gomes e Roberto Samora)



**42-21/08/2014**

### **Níquel: Indonésia proíbe exportação de minério laterítico, mas chineses compram das Filipinas**

Apesar do níquel ter subido mais de 37% no ano, e das exportações de minério laterítico da Indonésia para a China caírem a zero, os chineses estão produzindo mais gusa-níquel do que o esperado. O gusa-níquel é a forma mais barata de processar os minérios laterítico de baixo teor. O método foi aperfeiçoado pelos chineses que conseguem transportar um minério pobre em balsas, por milhares de quilômetros, de países longínquos como a Indonésia e, mesmo assim, derrotar os grandes competidores como a Vale e a russa Norilsk.

Quando a Indonésia banuiu a exportação do minério laterítico as mineradoras como a Vale viram, pela primeira vez em anos, o lucro voltar às suas operações. Hoje a procura está maior do que a oferta em torno de 30.000t enquanto que no ano passado existia mais níquel do que a demanda na proporção de 109.000t. Mesmo assim os chineses, os produtores do gusa-níquel, conseguiram substituir boa parte do minério Indonésio por minério vindo das Filipinas. Eles estão comprando minérios de teores médios com 1,5% Ni e conservando os estoques de minérios com teores mais altos entre 1,9 a 2% de Ni que estão ficando escassos.

Aos poucos os chineses irão substituir o minério Indonésio e voltarão a controlar o mercado como faziam antes do abolição.

Fonte: [www.geologo.com.br](http://www.geologo.com.br)

**43-21/08/2014**

### **Indonésia ganha queda de braço com mineradores**

Apesar dos prejuízos bilionários de curto prazo, o governo da Indonésia está alinhando as mineradoras e evitando a exportação de minério sem valor agregado. A decisão do Governo da Indonésia de sobretaxar e proibir as exportações de minérios sem valor agregado e concentrados, que foi criticada pelo mundo todo, está começando a surtir efeito.

É claro, que não era necessário tamanho radicalismo, que suprimiu bilhões dos cofres das mineradoras e do governo apenas neste ano de 2014. Até poucos dias atrás o país se viu privado de uma das suas principais fontes de recursos: a exportação de minerais.

No entanto as grandes mineradoras cederam e começam a investir pesadamente em plantas metalúrgicas destinadas à produção de cobre, alumínio e níquel, o que não ocorria antes do ataque governamental.

A americana Freeport McMoran está construindo uma nova planta em Gresik destinada à exportação do cobre de sua gigantesca mina de Grasberg. Enquanto a planta é construída a Freeport vai poder exportar seus concentrados de cobre até 2017 (quando a planta entrará em produção), sem pagar os 60% de impostos que o governo havia criado.

Os novos royalties negociados pela Freeport em julho, serão de 3,75% sobre o ouro, 4% sobre o cobre e 3,25% sobre a prata.

Já a americana Newmont, a segunda maior exportadora de cobre da Indonésia, ainda está em litígio com o governo desde que declarou Force Majeure. A mineradora está processando o governo da Indonésia por quebra de contrato em uma corte de Washington. A Indonésia ainda vai se pronunciar.

Fonte: [www.geologo.com.br](http://www.geologo.com.br)

**44-21/08/2014**

### **Projeto de Ouro Borborema da Crusader recomeçou**

A Crusader recomeçou o trabalho de viabilidade no seu projeto Borborema, baseando-se nos resultados positivos do PFS 2011. Para ter maiores informações sobre a Crusader e seus projetos, clique aqui

Fonte: InfoMine

**45-21/08/2014**

### **PORTO LOBITO NA ANGOLA RECEBERÁ PRODUÇÃO DAS MINAS DE COBRE**

A produção das minas de cobre da RD Congo e da Zâmbia, em Moxico, na Angola, será destinada para o Porto Comercial do Lobito, disse ontem (20), o presidente do Conselho de Administração do porto, Anapaz Neto. A unidade portuária investiu na construção de um Terminal de Minérios com capacidade operacional de 3,6 milhões de toneladas/ano, que conta com um cais de 310 metros, uma área total de 200 mil metros quadrados e capacidade para receber navios de 50 mil DWT (arqueação bruta). O transporte do minério das minas até o porto será feito pelo Caminho-de-Ferro de Benguela (CFB).

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**46-21/08/2014**

### **MINAS-RIO JÁ ESTÁ 95% CONCLUÍDO**

O projeto Minas-Rio da Anglo American receberá investimentos de US\$ 1,2 bilhão no segundo semestre. O empreendimento, orçado em US\$ 8,8 bilhões, já alcançou o índice de 95% de conclusão e está em fase de comissionamento e testes. O primeiro embarque de minério está previsto para o fim deste ano.

O empreendimento prevê a produção de 26,5 milhões de toneladas/ano de minério no complexo instalado em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas, ambas no

Médio Espinhaço, além do mineroduto entre as jazidas e Porto de Açú, em São João da Barra (RJ).

Segundo o último balanço da companhia, no primeiro semestre foram atingidos marcos importantes que viabilizaram o início do comissionamento. Na planta de beneficiamento, por exemplo, a primeira alimentação de minério para o britador foi realizada em maio. Já o moinho recebeu a alimentação no mês passado. O mineroduto de 529 quilômetros está concluído e passa por testes.

Conforme a empresa, no terminal de minério de ferro do porto, a construção continua conforme programado e um bom progresso foi obtido na construção do quebra-mar, com o fundeamento de 26 dos 33 caixões que precisam estar fundeados para o primeiro embarque.

Já em relação ao licenciamento ambiental, a empresa informa que a licença de operação do porto foi obtida em maio e as licenças para a mina/planta de beneficiamento e o mineroduto são esperadas para o terceiro trimestre de 2014. Uma licença temporária foi emitida para a linha de transmissão de energia de 230 kV, que será convertida em uma licença definitiva assim que as autorizações restantes forem obtidas.

Até o primeiro semestre de 2014 foram investidos US\$ 6,6 bilhões no Minas-Rio. Segundo a empresa, em 2015 serão realizadas inversões de US\$ 1 bilhão para a conclusão completa do quebra-mar e aquisição de equipamentos da área da mina para o ramp up. O processo de ramp up deverá levar entre 18 meses e 20 meses para ser concluído. No próximo ano, a empresa estima uma produção entre 11 milhões de toneladas e 15 milhões de toneladas de minério de ferro.

Fonte: Diário do Comércio

**47-22/08/2014**

## **ORINOCO IDENTIFICA INTERSEÇÃO COM ALTO TEOR DE OURO EM CASCAVEL**

A Orinoco Gold afirmou ontem (21) que novos resultados da rampa de exploração do projeto de ouro Cascavel, em Goiás, apontaram uma interseção de 0,46 metros com teor de até 417 g/t Au, dentro de uma zona contínua de 9,76m @125 g/t Au. Cascavel faz parte do projeto polimetálico Faina Goldfields.

De acordo com o diretor administrativo da empresa, Mark Papendieck, a rampa de exploração continua a demonstrar a presença de quantidades significativas de ouro de alto teor próximo da superfície, além de fornecer informações sobre a orientação e direção do corpo mineral.

A rampa de exploração apontou também 4 metros com teor médio de 148,5g/t Au, ou 4,7 onças de ouro por tonelada, a aproximadamente 27 metros da superfície, e ainda 9,7m @ 125 g/t Au, ou 4,01 onças de ouro por tonelada.

Segundo Papendieck, a rampa de exploração, em inglês exploration decline, provou ser um excelente método para confirmar o potencial de Cascavel e a empresa continua a ser surpreendida positivamente pela quantidade de ouro revelada.

"Nós sempre tivemos consciência de que uma rampa de exploração seria a melhor maneira de determinar o teor de ouro em Cascavel. Agora, junto com a sondagem anterior, trincheiras e amostragem de grande volume, seremos capazes de mostrar o verdadeiro valor do projeto, com a presença de uma quantidade de ouro superficial maior do que a prevista", afirmou o diretor.

Papendieck falou ainda sobre a importância de ressaltar a possibilidade desse ouro ser recuperado por métodos de baixo custo, o que aumentaria significativamente o potencial comercial do projeto. "Isto tem implicações positivas não só para o futuro de Cascavel, mas também para a prospecção de potenciais zonas de cisalhamento, em uma área que se estende de Cascavel para Sertão e que não foi ainda sondada ou submetida a amostragem de grande volume", afirmou Papendieck.

A Orinoco afirmou que continuará a exploração em Cascavel para encontrar novos alvos de alto teor de ouro e para auxiliar no planejamento de novos programas de sondagem.

O Projeto Cascavel faz parte de uma região de produção de ouro emergente, dentro da área do projeto polimetálico Faina Goldfields. A Orinoco Gold controla 70% de Faina Goldfields. Os outros 30% pertencem à Centaurus Metals. Fora do Brasil, a Orinoco detém o projeto de ouro 14 Mile Well, em Western Australia.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**48-22/08/2014**

## **IMPORTAÇÃO CHINESA DE MINÉRIO DE FERRO DO BRASIL AUMENTA**

13,5% foi o quanto aumentou a importação chinesa de minério de ferro do Brasil no acumulado do ano até julho. São 94,57 milhões de toneladas no período. O Brasil é o segundo maior fornecedor para a China e entregou 14,13 milhões de toneladas em julho, segundo dados da alfandega chinesa.

Fonte: Estado de Minas

**49-22/08/2014**

## **PAINEL MINERAÇÃO REÚNE ESPECIALISTAS EM MATERIAIS DE ALTA PERFORMANCE**

A quinta edição do Painel Mineração apresentou na última quarta-feira (20), em Belo Horizonte, as mais recentes tecnologias em materiais de alta performance para o setor de mineração. O evento, que teve apoio da Associação Brasileira de Metalurgia, Materiais e Mineração (ABM) e do **Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram)**, reuniu profissionais responsáveis diretos e especificadores de materiais e equipamentos dos departamentos de produção e manutenção.

A vice-diretora da ABM em Minas Gerais, Janaina França, abriu o evento com uma apresentação sobre a associação, que completou 70 anos de mercado este ano, uma das mais antigas do setor. Segundo França, o Painel Mineração busca trocar informações sobre novas tecnologias, visando a fabricação de equipamentos com alta resistência ao desgaste por abrasão e corrosão.

A segunda palestra, ministrada pelo diretor de vendas no Brasil da japonesa UBE, Daniel Hernandez, falou sobre revestimentos de poliuretano (PU) obtidos com policarbonatodiol, aplicados em tubulações com propriedades mecânicas e resistência a hidrólises superiores. Segundo Hernandez, entre as vantagens do policarbonatodiol está a durabilidade do produto, que pode ser até três vezes superior, e a conservação das características do material, que chega a 50%.

Na terceira apresentação, os representantes da Purcom, André Russo e Michel Michelacci, apontaram soluções em poliureia e elastômeros de poliuretano de alta performance. “A poliureia pode ser usada em qualquer superfície que precisa ser revestida e hipermeabilizada, inclusive em túneis”, afirmou Michelacci.

Segundo Russo, após o fechamento de importantes acordos nacionais e internacionais, a empresa conta hoje com uma capacidade instalada de 1,2 mil toneladas de PU por mês, atendendo cerca de 2 mil clientes e mais de 800 diferentes fórmulas. “A Purcom exporta sua produção para 10 países e a expectativa para este ano é de um crescimento de 13% no faturamento da empresa”, disse.

As outras palestras, da TSW Devcon, Tecnofink e PowerPoxi, abordaram os reparos disponíveis para prolongamento da vida útil de peças e equipamentos, além de proteção de partes móveis com polímero contra corrosão e contaminação. Em uma das apresentações, os destaques foram os polímeros especiais para revestimento contra abrasão, corrosão e ataques químicos.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

**50-22/08/2014**

## **Você quer esse diamante? É só viajar para Lincolnshire na Inglaterra e participar da caça ao tesouro**

Milhares de pessoas estão entrando em uma das mais loucas caças ao tesouro do século. Este diamante, avaliado em vinte mil dólares foi colocado em um balão de hélio e, quando atingiu a altitude de 30km foi lançado dentro de uma caixa ao solo.

Segundo o ex-proprietário a joalheria London Jeweller 77 Diamonds, o diamante de 1,14 quilates é de quem encontrar. Sabe-se que ele caiu nas proximidades da vila de Lincolnshire na área rural inglesa onde a cobertura de celular é quase inexistente.

Fonte: [www.geologo.com.br](http://www.geologo.com.br)

**51-22/08/2014**

### **China e excesso de oferta derrubam preço**

Por **Olivia Alonso | De São Paulo**

A demanda mais fraca da China e o excesso de oferta global levam o minério de ferro novamente para perto da mínima do ano. O preço estava ontem em US\$ 91,90 por tonelada no mercado à vista chinês, queda de 32% desde o início do ano. Para o quarto trimestre, analistas esperam uma cotação um pouco maior do que a atual, próxima dos US\$ 100 por tonelada.

O preço médio esperado para este ano é de US\$ 105, na média das projeções de dez bancos consultados pelo **Valor PRO**, serviço de tempo real do **Valor**. Atualmente, a média de 2014 está em US\$ 108 por tonelada, 20% abaixo dos US\$ 135 do ano passado.

A analista Melinda Moore, do Standard Bank, diz que o excesso de minério e a falta de demanda firme têm deixado o mercado mais fraco na China, principal consumidor global da commodity. As siderúrgicas da China são responsáveis por aproximadamente dois terços das compras globais de minério de ferro - em um mercado com oferta estimada em cerca de 2,16 bilhões de toneladas neste ano.

O excesso de oferta tem sido o assunto mais comentado por analistas do setor neste ano. O forte aumento de produção está levando o preço do minério de ferro a um novo patamar, mais baixo do que o dos últimos anos. O Barclays, por exemplo, prevê um volume adicional próximo de 190 milhões de toneladas neste ano e de 130 milhões de toneladas em 2015.

As maiores mineradoras do mundo na área - Vale, Rio Tinto, BHP Billiton e Fortescue Metals - são as principais responsáveis por esse aumento. Somente as três australianas devem elevar a oferta em 100 milhões de toneladas neste ano, nas contas do Citi.

Levando em conta esses volumes adicionais e o crescimento, mesmo mais fraco, da economia chinesa, é que os analistas calculam um equilíbrio do preço entre US\$ 90 e US\$ 100 por tonelada até o fim deste ano. Para os próximos anos, as projeções são de preços médios um pouco inferiores, justamente por causa da elevação da produção global.

Mesmo como uma eventual desaceleração das compras chinesas, as expectativas não são de cotações inferiores a US\$ 90 por tonelada neste ano. Quando os preços rompem este patamar, muitas companhias deixam de ter suas operações viáveis e reduzem a produção, principalmente na China. Ivan Szpakowski, analista do Citi, diz que a produção chinesa já está diminuindo nos últimos meses por causa da queda do preço do produto.

Ele estima uma cotação de US\$ 100 por tonelada no quarto trimestre e diz que espera que um quinto da produção da China já esteja sendo cortada com os patamares atuais de preços do minério. "Estimamos que perto de 20% da capacidade deve ser eliminada se os preços seguirem abaixo de US\$ 100", afirma o analista em relatório. "Isso deve impedir qualquer queda sustentada de preço abaixo de US\$ 90 por tonelada até o fim de 2014", diz. Segundo levantamento do Citi, a taxa de utilização da capacidade de 70 minas pequenas e médias caiu de 80% no fim do ano passado para perto de 65% recentemente.

Norbert Ruecker, chefe de análise de commodities do banco Julius Baer, prevê valor de US\$ 90 por tonelada para o minério de ferro no fim deste ano e início de 2015. Ele diz que o excesso de oferta no mercado é motivo para preocupação e acrescenta que o setor imobiliário está em desaceleração na China, o que afeta o setor siderúrgico.

Nos últimos dias, o ritmo de negócios no mercado físico de minério na China está mais fraco, enquanto dados piores da atividade industrial têm ajudado a deixar os preços pressionados. A queda de ontem foi a quarta seguida do preço do minério. Com isso, a cotação se distanciou da máxima do mês, de US\$ 96 por tonelada, registrada no dia 7, e voltou a caminhar rumo à mínima do ano, de US\$ 89 por tonelada, em 16 de junho. Todos os valores são do minério com concentração de 62% de ferro negociado no mercado à vista da China.

O HSBC divulgou ontem seu índice de gerentes de compras (PMI, na sigla em inglês) do setor industrial chinês, o que trouxe ao mercado novas preocupações com o ritmo de expansão do país e ajudou a manter um sentimento mais negativo no mercado do aço e de sua matéria-prima. O indicador ficou em 50,3 na leitura preliminar de agosto, abaixo dos 51,7 de julho.

**52-22/08/2014**

**Rusal reestrutura dívida de US\$ 10 bilhões**

Por **Jack Farchy** | **Financial Times**, de Moscou

A Rusal concluiu a reestruturação de sua dívida acumulada de US\$ 10 bilhões após negociações com os credores que se estenderam por um ano. O acordo vai eliminar a incerteza que cerca a empresa, a maior produtora mundial de alumínio.

A Rusal, controlada por Oleg Deripaska, negociou a fim de mudar as condições de suas dívidas, ao ver sua lucratividade comprometida por anos de baixos preços do alumínio.

Apesar de os bancos russos terem aprovado, alguns meses atrás, um acordo que isentava a empresa de fazer as quitações obrigatórias de sua dívida até 2016, a Rusal teve dificuldades para conquistar apoio unânime à mudança das condições de cerca de US\$ 5,2 bilhões em linhas de crédito de bancos externos.

No entanto, neste mês, o último banco discordante, o Royal Bank of Scotland, aprovou a repactuação após a empresa ter-se preparado para ir à Justiça para tentar forçar sua aceitação. A Rusal informou que o acordo "melhorará significativamente o perfil da dívida da companhia".

A Rusal tinha realizado uma reestruturação em 2009, mas manteve alta alavancagem, ao registrar uma dívida líquida de US\$ 10,3 bilhões no fim de março, comparativamente a um valor de mercado de US\$ 7,9 bilhões. Mas a situação melhorou desde o início das negociações.

Com as restrições da parte da Indonésia à exportação de minério de níquel, o preço do metal subiu em um terço este ano, aumentando a lucratividade da Norilsk Nickel, na qual a Rusal detém uma participação de 28%.

As ações da Rusal registradas em Hong Kong subiram 76% desde meados de março. A empresa deverá divulgar seus resultados do primeiro semestre na semana que vem.